

O Auto de um Bom Ladrão (Em Deus confia-se, nos Homens não)

por

João Pedro Ferreira

João Pedro dos Santos Ferreira
918515097
jpsf97@hotmail.com

ECRÃ NEGRO.

Um dos criminosos crucificados insultava-o assim: "Então não és o Messias? Salva-te a ti mesmo e a nós!" Mas o outro repreendia-o: "Não tens temor a Deus, tu que estás a sofrer a mesma condenação? Nós estamos aqui a pagar o justo castigo pelos atos que temos praticado, mas este não fez nada de mal." E pediu a Jesus: "Lembra-te de mim quando chegares ao teu reino." Jesus respondeu-lhe: "Podes ter a certeza que hoje mesmo estarás comigo no paraíso."

LUCAS 23:39-43

Ouvimos um ORGÃO a tocar. O seu volume vai intensificando até ouvirmos um CORO. Percebemos quase imediatamente que se trata de algum evento religioso através do som produzido. A música que está a ser cantada louva Jesus Cristo e o seu amor incondicional por todos os habitantes do planeta. Seja.

FADE IN:

INT. IGREJA - FIM DE TARDE.

A igreja que nos é apresentada é carregada de beleza. É grande, espaçosa e acima de tudo muito, muito, muito velha. Os séculos não foram generosos com esta obra de arquitetura. Está bastante desgastada e parece estar a uns segundos de colapsar sobre si mesma. Quanto às pessoas que estão a assistir à missa que está a decorrer, não são muitas.

Uma figura cujas feições não conseguimos distinguir entra na igreja. Caminha um pouco e senta-se numa das filas de bancos do lado direito. Agora podemos tirar mais umas conclusões sobre os fiés presentes. Uma delas é que têm todos uma coisa em comum: na sua grande maioria são pessoas idosas.. A segunda conclusão é que quase todas observam com bastante atenção o serviço. Embora não seja logo aparente algumas pessoas estão a dormir ou em processo de o fazer.

INT. BANCADAS DA IGREJA - FIM DA TARDE.

Esta figura que entrou na Igreja é DANIEL, um homem na casa dos 40. É uma figura que não passa despercebida: tem um bigode farfalhado preto com alguns pêlos cinzentos acompanhado por uma barba que está muito mal cuidada. É careca na sua nuca mas de lado, os seus cabelos caem-lhe pelo pescoço. Está vestido com um fato cinzento que parece ser tão velho como a igreja que o rodeia, segurado por uma gravata que mais está tão desapertada que cai pela barriga. Para complementar todo este visual, está de óculos de sol que retira enquanto se senta.

INT. ALTAR DA IGREJA - FIM DE TARDE.

No altar vemos o PADRE GABRIEL, um homem nos seus 30, com óculos, rodeado por dois acólitos, enquanto carrega um cálice coberto por um pano. Retira este pano e ora em silêncio com os seus olhos fechados. A música pára. Diz umas palavras que nos são impercetíveis e ajoelha-se perante o altar, movimento repetido pelos ácolitos. Ergue outro cálice presente no altar e uma hóstia.

PADRE GABRIEL

Felizes os convidados para a ceia do Senhor. Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. Senhor, eu não sou digno que entreis em minha morada, mas disse uma palavra e serei salvo.

Diz mais umas palavras que nos são impercetíveis enquanto parte a hóstia que tem nas mãos e bebe da taça de vinho. A música recomeça. Momentos depois serve as hóstias aos seus ácolitos que se ajoelham sucessivamente. Depois disto, dirige-se até ao centro da igreja enquanto algumas pessoas se levantam. Daniel, ao ver a grande maioria das pessoas a levantar-se com o objetivo de ir tomar o "corpo de Cristo" , faz o mesmo. Ao aproximar-se do Padre Gabriel, este reconhecendo-o, faz-lhe um sinal de apreciação.

INT. BANCADAS DA IGREJA - FIM DA TARDE.

Volta para o seu lugar e ajoelha-se. A música pára.

INT. TETO DA IGREJA - FIM DA TARDE.

Vemos o teto da igreja. As pinturas são divinais embora estejam tão desgastadas que distinguir os santos, de Jesus Cristo e até do próprio Deus se torna difícil a olho despido.

INT. ALTAR DA IGREJA - FIM DE TARDE.

O nosso olhar é direcionado uma vez mais para o altar em que o Padre Gabriel se encontra de pé assim como os seus ácolitos.

PADRE GABRIEL

Meus irmãos, antes de pedir sobre vós a benção de Deus, queria só agradecer ao nosso Presidente da Junta, Daniel Silva, pela sua presença na eucaristia de hoje.

(CONTINUED)

Daniel faz um sorriso amarelo. Está claramente desconfortável.

PADRE GABRIEL

Sabemos a tragédia pela qual passou e oramos em honra da sua falecida esposa, Marta Silva. É nos momentos mais difíceis da nossa vida em que a nossa fé é testada. Deus às vezes pode parecer injusto. Acima de tudo é misericordioso e tenho toda a certeza, que acolheu a sua querida esposa com todo o amor que tem em si.

Desta vez Daniel já nem tenta demonstrar um sorriso. A sua expressão muda de desconforto para raiva.

PADRE GABRIEL

Obrigado por ter vindo, e todos rezaremos em sua memória. O Senhor esteja convosco.

VOZES

Ele está no meio de nós.

PADRE GABRIEL

Abençoe-vos Deus todo poderoso. Pai, Filho e Espírito Santo.

VOZES

Amén.

PADRE GABRIEL

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

VOZES

Graças a Deus.

A nossa perspectiva muda para uma vela que estava situada perto do altar. Esta arde com uma intensidade impressionante. Inabalável. Constante.

INT. BANCADAS DA IGREJA - FIM DA TARDE.

Vemos Daniel sozinho sentado num dos bancos. Ao fundo o Padre Gabriel já com a sua roupa civil aproxima-se dele.

PADRE GABRIEL

Como está Sr. Presidente?

Daniel levanta-se e cumprimenta-o com um aperto de mãos. Volta-se a sentar.

PADRE GABRIEL

Fico muito contente com a sua presença. Como se tem sentido?

Daniel encolhe os ombros.

PADRE GABRIEL

Certo... Devia vir mais vezes. Somos tão poucos a celebrar a Eucaristia que basta uma pessoa para fazer a diferença...E como eu digo:Uma igreja vazia é como um carro sem motor. De qualquer das formas, não o queria interromper. Se precisar de desabafar sabe que pode contar comigo.

Daniel faz um sinal de aprovação com a cabeça. O Padre Gabriel faz o mesmo e desaparece de vista. Daniel está completamente sozinho na Igreja. Do bolso decide tirar um pequeno frasco normalmente usado para transportar bebidas alcoólicas e dá um gole. Parece que acabou de ingerir litros de gasolina pela expressão que faz.

INT. ALTAR DA IGREJA - FIM DE TARDE.

Daniel aproxima-se do altar. No seu centro tem uma figura bastante grande de Jesus crucificado. É extremamente bem esculpida e imponente, embora, como tudo o que existe naquela igreja, está degradado. Embora em comparação com o resto é talvez aquilo que em melhor estado se encontra.

Daniel olha muito atento para esta estátua. A cara de Jesus contrasta com a de Daniel. Ambos exprimem uma tristeza profunda. Daniel desvia o olhar por momentos. Custa lembrar o que perdemos. Instantes depois uma ideia lhe ocorre. Olha em sua volta para se certificar que está mesmo sozinho. De um dos bolsos tira um maço de cigarros. Retira um e coloca-o na boca. Procura no casaco e no bolso por um isqueiro. Não tem sucesso. Repara que uma das velas da missa ainda está acesa. Vai acender o seu cigarro e ao puxar para o acender apaga sem querer a vela. Conseguiu: está a fumar. Olha em sua volta orgulhoso do seu feito. Olha mais uma vez para a estátua de Jesus. E fica com uma expressão indignada.

DANIEL

Que é que foi? Queres um?

PAUSA.

DANIEL

Vá lá. Só um. Aposto que nunca experimentaste. Anda lá.

PAUSA.

DANIEL

Pronto, tá bem, não pergunto mais.

Daniel suspira. Anda de um lado para o outro pensativo. Coloca-se de frente para a estátua mais uma vez.

DANIEL

O teu pai é... tramado. Tramado mesmo.

INT. IGREJA - FIM DE TARDE.

Daniel caminha em direção à saída, num passo calmo enquanto fuma. Abre a porta grande da Igreja e sai. O barulho desta ecoa por toda a estrutura. Momentos depois, a estátua gigante de Jesus Cristo crucificado cai, destruindo uma boa parte do altar e emitindo um barulho gigantesco que de certeza também se ouviu nos céus.

O título do filme aparece: "O Auto de um Bom Ladrão (Em Deus confia-se, nos Homens não)".

INT. CAFÉ - MANHÃ.

ECRÃ NEGRO.

Ouvimos um SOM de alguém a beber o café de forma bastante barulhenta.

Finalmente vemos: é Daniel. Dá mais um gole no café e tenta com todas as suas forças não fazer uma cara desagradável. Instantes depois chega o SR. JOÃO, um senhor idoso, com cabelos brancos e idade avançada. Bastante avançada.

SR. JOÃO

Então, senhor presidente? Como é que tá o cafézito?

DANIEL

Está bom. Muito bom, sr. João.

SR. JOÃO

Inda bem. É americano!

DANIEL

Pois, pois, nota-se! Como é que
arranjou? Mandou vir ?

SR. JOÃO

Não, não... O cunhado da minha
filha encontrou setenta pacotes num
armazém. E deu-me. De borla!

DANIEL

Mas o armazém era dele?

SR. JOÃO

De quem?

DANIEL

Do cunhado da sua filha?

SR. JOÃO

Qual deles?

DANIEL

Ahm... o que lhe deu os pacotes do
café.

SR. JOÃO

Pacotes de café? Dele? Ele é
mecânico! Porque é que havia de dar
café logo a mim?

Daniel respira fundo. Bem fundo.

DANIEL

Bem... Até à próxima, sr. João.

Daniel agarra na mala e no casaco e sai. Está vestido com um
fato tão amarrotado que parece que foi atropelado cinco ou
seis vezes antes de ir parar ao armário do estimado
Presidente.

EXT. CENTRO DA VILA - MANHÃ.

As ruas estão praticamente vazias. Vemos algumas pessoas
idosas e alguns estabelecimentos pouco preenchidos ou
vazios: padarias, barbeiros, cafés. Daniel caminha distraído
e completamente à toa do mundo que o rodeia. Praticamente
arrasta-se. Instantes depois um carro com a música um bocado
alta aproxima-se. É um carro novo. Dentro tem uma família de
cinco. A janela do carro abre e-

(CONTINUED)

HOMEM #1
Oh! Oh! Amigo! Companheiro!
Companheiro!

Daniel olha à sua volta. Assume que não é para ele. No entanto, cruza o seu olhar com o deste homem misterioso, que grita em plenos pulmões para ele. Daniel faz um gesto a interrogar se estes gritos eram para si. O homem diz que sim. Daniel lá se arrasta e vai ao encontro do homem. Este sai do carro. Está bem vestido, assim como o resto da família incluindo a mulher que o acompanha e os filhos que se sentam no banco de trás. Todos vestidos com roupas de marca. Todos bem penteados. Parece uma família saída de uma telenovela. E o mais irritante era, os sorrisos que tinham. Ou seja, em suma: eram o oposto completo de Daniel.

HOMEM #1
Tão amigo, você é mouco ou quê?

Este Homem bate no ombro de Daniel com alguma força em gesto de brincadeira. Ri-se. Daniel faz um sorriso amarelo.

HOMEM #1
Olhe diga-me lá, que você é cá da zona... Onde raios é que tamos?

DANIEL
Desculpe?

HOMEM #1
Onde tamos? É que a gente estava a ir para a Serra da Estrela e viemos ter aqui sem querer.

DANIEL
Eu tenho cara de mapa?

O Homem solta umas gargalhadas altas. Bate repetidamente no ombro de Daniel.

HOMEM #1
Você pá... Deixa-me de rastos. Não olhe... Como eu tava a dizer... A gente estava a ir para a Serra da Estrela. E devemos nos ter enganado numa estrada qualquer e viemos aqui ter. Como é que se chama esta vila?

DANIEL
(suspirando)
Vila Nova do Sabugueiro.

HOMEM #1

Ah... Pronto. Não conhecia. Diga-me uma coisa: é feriado nesta terra?

DANIEL

Não. Porque é que pergunta?

HOMEM #1

Então, companheiro... segunda-feira de manhã e não se vê ninguém nas ruas...

Daniel, olha à sua volta. Repara que o homem tem razão. Quando passamos muitas vezes por um sítio, às vezes esquecemo-nos de olhar à volta. E verdade era esta: a vila estava vazia.

HOMEM #1

Certo... Então diga-me lá, já que aqui estamos. Que é que se pode ver ou fazer por aqui?

Daniel olha em silêncio para o homem. Tenta encontrar palavras mas não consegue. Não se lembra de nada. Era uma pergunta que já não ouvia há muito tempo.

HOMEM #1

(sorrindo)

Tão amigo? Diz-me hoje ou adia para amanhã?

Daniel continua a tentar encontrar palavras.

DANIEL

Ahm...Pois... Não... Não me lembro...

HOMEM #1

Porra amigo... Não se faz nada nesta terra? Não admira estar vazia... O presidente deve estar a fazer bom trabalho deve. Deve ser mais um aldrabão como aos outros. Devia ir falar com ele. Isto assim não tem jeito nenhum? Acha? Bem amigo como é que sai desta terriola?

O homem abana as mãos à frente de Daniel que parece estar em transe. Desiste, entra dentro do carro e vai-se embora. Uma grande fumarada escurecida causada pelo carro cobre Daniel que começa a tossir. Começa a recuar e volta para o passeio. Anda uns passos até que vê o seu reflexo num vidro de um

(CONTINUED)

carro estacionado. O vidro está bastante sujo. E o seu reflexo igualmente. Mal se conseguia ver alguma coisa. Irritado, dá um soco no vidro, partindo-o. Queixa-se da mão direita. Instantes depois apercebe-se que está a sacrar. Bastante.

Retira do bolso um recipiente com álcool e usa-o para esterilizar a ferida. Tira o seu sapato, tira a sua meia e com algum engenho consegue estancá-la. Volta calçar o sapato. Vê que as poucas pessoas que estavam na rua ou nos cafés, nem olham para ele. Pouco se importam. Daniel podia ter morrido ali e as pessoas nem os olhos piscavam. Naquele momento apercebeu-se que ser presidente ou não ser, era igual. A sua vila, a vila que governa há tanto tempo, a vila em que gerações da sua família nasceram, viveram e morreram... Em breve seria nada. É como se a sua vida não tivesse significado. Já não tinha muito. Mas de repente tinha ainda menos. Bastante menos.

Tira um cigarro. Acende e fuma enquanto caminha pelo meio da estrada. Mas o seu passo começa a acelerar. A sua expressão muda também. De choque passa a raiva. E com a raiva normalmente seguem-se más decisões.

INT. ENTRADA DA JUNTA DE FREGUESIA - MANHÃ.

Entra de rompante na Junta, fazendo um barulho tremendo. Este edifício também se encontra desgastado. Bastante. Dirige-se até a uma mulher, REBECA, na casa dos 40, sentada numa secretária junto ao gabinete.

DANIEL

Rebeca, tudo o que seja reuniões da parte da manhã cancele tudo ou passe prá tarde. Ouviu?

REBECA

Mas tem reunião com os vereadores, com o vice president-

DANIEL

Ouçá uma coisa.

Rebeca presta atenção. Como se Daniel fosse dizer uma verdade universal.

DANIEL

Tou-me a foder pra isso. Okay? Não quero saber. Ligue pra eles todos e fazemos uma reunião ao final da tarde. Percebeu?

(CONTINUED)

REBECA
(com a voz trémula e
claramente abalada)
S-sim.

DANIEL
Outra coisa: preciso da chaves do
seu carro.

REBECA
P-porquê?

DANIEL
Porque sim! Sou seu chefe! Tenho
que preencher um formulário agora?
Já sabe que o meu carro está pra
arranjar há semanas!

Rebeca agarra a mala e, meio abalada, procura as chaves do
carro. Entrega-as ao presidente que, mal as recebe na sua
mão, desata a correr.

REBECA
O que é que lhes digo? Às pesso-

DANIEL
Sei lá, diga que tenho caganeira,
qualquer coisa.

Daniel bate com a porta da junta com tanta força que a
entrada abana toda.

EXT. ESTRADA - MANHÃ.

Vila Nova do Sabugueiro preenche a paisagem. Agora vemos: é
uma vila pequena. Muito pequena. Vemos uma placa que diz:
Vila Nova do Sabugueiro. Parece velha. Pré-histórica. Em
muito mau estado. Ouvimos o barulho de um um carro. Este
preenche a estrada deixando a Vila ao longe. Daniel está
dentro do veículo e conduz de forma perigosa, a velocidades
que não devia. Estradas curvas, estradas retas não importam.
A velocidade mantém-se. Percebemos que se dirigiu a um sítio
um pouco longínquo. Uma cidade avista-se ao longe. Parece
grande. Claro que em comparação com Vila Nova do Sabugueiro
tudo parece grande.

INT. LOJA - FINAL DA MANHÃ.

Daniel entra de repente numa loja. Dirige-se ao balcão. Um homem na casa dos 30 está a ler o jornal.

DANIEL

Qual é o whisky mais caro que têm?

O empregado de balcão aponta para uma garrafa de whisky que puramente pelo seu aspeto, cumpre o pedido de Daniel.

DANIEL

Certo... Quero duas.

EXT. PARQUE DE ESTACIONAMENTO - FINAL DA MANHÃ.

Vemos Daniel a beber logo à entrada de um parque de estacionamento. Bebe e bebe e bebe mais ainda. Decide tirar a meia que faz de ligadura da sua mão direita. Ao tirar reparamos duas coisas interessantes: a primeira é de que a ferida está precisamente no centro da sua mão. A segunda é de que curiosamente se assemelha a um crucifixo invertido. Estranho. Muito estranho.

Daniel olha curioso. Ao virar a mão, esta cruz fica na forma correta. Volta virar a mão para a cruz fica na perspectiva incorreta. Volta a virar a mão ao contrário. Repete este movimento várias vezes. Vemos esta "cruz" que Daniel tem na mão a ficar invertida e no formato correto, vezes sem conta.

Daniel acha curioso. Instantes depois, olha para o relógio. Faz uma expressão preocupada e sai disparado em relação ao carro. Atravessa o parque a correr. Corre tanto que tropeça e cai redondo no chão. Levanta-se e continua.

Finalmente chega ao carro e volta a acelerar uma vez mais.

INT. ENTRADA DA JUNTA DE FREGUESIA - TARDE.

Daniel entra de rompante na junta.

DANIEL

Já estão todos lá dentro?

REBECA

Sim sr. Presidente. Não pareciam muito contentes.

Daniel pousa as chaves do carro de Rebeca na secretária.

(CONTINUED)

DANIEL

Obrigado, Rebeca. E desculpe lá
p... desculpe por gritar consigo.
Você é uma secretária exemplar.

REBECA

Ora essa, senhor presidente. Não
tem de quê. Quer que lhe abra a
porta?

DANIEL

Não é preciso.

Daniel dá uns passos para trás e com uma força tremenda dá um pontapé na porta que a faz abrir com uma velocidade tremenda e que por pouco não cai.

INT. GABINETE DO PRESIDENTE - TARDE.

EMANUEL, o Vice-Presidente da Junta, e os vereadores que estão consigo estão bastante chocados com a entrada de Daniel. O Vice-Presidente é um homem singular: barrigudo, careca, com óculos, usa um fato preto em ligeiramente melhores condições do que o de Daniel. Estão todos em volta da secretária do presidente. As suas expressões de choque rapidamente se transformam numa de ira.

VERADOR #1

Sr. Presidente que vem a ser isto?
Estamos à horas à sua espera!
Horas!

DANIEL

Ah, caga na saquinha. Que é que
temos a tratar hoje?

Daniel, coloca-se junto à janela atrás da sua cadeira numa tentativa de recuperar o folego. Agora vemos melhor o gabinete do presidente: tem como de costume as bandeiras da vila e a de Portugal mas de resto está quase vazia sem ser por uma estante que preenche um pouco a sala e uma ventoinha que está junto à secretária.

EMANUEL

Mas é assim?

DANIEL

Deixa-me respirar um bocadinho...
Que é que querem?

(CONTINUED)

VERADORA #1

Senhor Presidente... Temos muito a tratar. Neste momento o assunto mais pendente é sobre o sinal luminoso que colocou à entrada da vila. Lembra-se? Aquele que segundo você nos iria atrair mais turistas.

DANIEL

Que é que tem?

VEREADOR #1

Bem... supostamente umas letras do sinal caíram e esmagaram o genro do sr. Manuel da frutaria.

DANIEL

O quê? Que letras é que caíram?

Ficam todos em SILÊNCIO, ofendidos pela pergunta de Daniel.

DANIEL

Ah e ele está bem?

VERADORA #1

Ele... está morto. Aparentemente foi a letra V que lhe caiu em cima. O problema é que quando a mulher dele foi ver como é que ele estava, aquilo lá emitiu uma descarga elétrica qualquer e ela morreu eletrocutada.

Daniel está em choque. Nem sabe bem o que está ouvindo. Tudo aquilo lhe parece saído de um sonho estranho. Neste caso pesadelo. Daniel senta-se lentamente na cadeira.

DANIEL

Bem... Então e-

VERADOR #2

Ainda não acabou, sr. Presidente.

DANIEL

Ahn?

VERADORA #1

Pois... Lembra-se que eu disse letras? No plural?

DANIEL

Oh não.

VERADORA #1

Os filhos destes dois estavam em estado de choque. Um deles fugiu do carro. O outro não. Pelos vistos, a estrutura como já estava comprometida... Sendo direta: Cairam mais umas letras em cima do carro. E aparentemente o miúdo não sobreviveu.

Há um silêncio constrangedor. Ninguém sabe bem o que dizer. Este barulho é apenas interrompido por Emanuel, que come uma maçã bem alto. Todos olham para ele. Este confuso, não percebe porquê.

EMANUEL

Então mas quais foram as letras que caíram?

A Vereadora consulta o seu caderno.

VERADORA #1

Como já disse um V... E depois caiu outro V, um A, um D, um O, um S, um A, um B e um U.

DANIEL

Tantas? O que é que diz o sinal agora?

VERADORA #1

Em vez de *Vila Nova do Sabugueiro*?

DANIEL

Sim. O que é que diz?

VERADORA #1

Bem... diz *Ila No Gueiro*.

DANIEL

Ah... foda-se. Parece que estamos a pedir sexo anal em código. Bem vou ter que ir falar com o sr. Manuel para lhe-

VERADORA #1

Acho que não é muito boa ideia.

DANIEL

Porquê?

VERADORA #1

Toda a gente sabe que foi o sr. Presidente que insistiu na construção do sinal. E tendo o sr. Manuel perdido o genro, a filha e um dos netos...

DANIEL

Sim?

VERADORA #1

Ele meio que o culpa a si.

DANIEL

A mim?

Daniel levanta-se irritado.

DANIEL

A mim? Fui eu que construí a puta do sinal por acaso?

VERADOR #1

Não... mas foi você que deu a ideia.

DANIEL

E então? Se eu mandasse fazer uma ponte e ela estivesse mal construída a culpa era minha ou do burro, retardado, filho de trinta putas do engenheiro que a construiu?

VEREADOR #1

Sr. Presidente acalme-se-

DANIEL

(interrompendo)

Sr. Presidente o caralho! Sr. presidente o caralho!

VERADORA #1

Entenda que é a sua imagem que está associada...

Daniel dirige-se a uma estante que está junto da sua secretária. Olha-a de cima a baixo. Num impulso de raiva começa a destruí-la. Pontapeia, dá socos, atira os livros de uma lado para o outro enquanto Emanuel e os vereadores olham entre si, confusos e receosos. Finalmente pára. Encosta a cabeça à estante e respira. Inspira e expira numa tentativa de se acalmar.

(CONTINUED)

EMANUEL

Se não estávamos fodidos antes,
agora é que estamos.

Daniel olha-o furioso. Os vereadores fazem-lhe sinal para este se calar.

EMANUEL

Que é que foi? É verdade. As nossas
finanças já andavam na merda por
causa do sinal... Agora que ele nos
vai processar ... num instante
vamos estar na banca rota.

Daniel descalça o seu sapato direito e atira-o contra ele. Este queixa-se mas nada diz. Não é sensato irritar mais o presidente. Este caminha de um lado para o outro em silêncio. Dirige-se para a janela. Esfrega os olhos. Suspira profundamente.

DANIEL

Este assunto do sinal. Não importa.
Nada disto é importante.

VERADORA #1

Não estou a perceber, Sr.
Presidente. Acha que 3 mortes por
causa de um sinal que você estourou
as finanças da junta não é
suficiente? Acha mesmo? Cada vez
surpreende mai-

DANIEL

(interrompendo)

Não é isso que eu quis dizer... É
importante. Claro. E infelizmente
morreram pessoas... E a acrescentar
a tudo isto...temos muito pouco
dinheiro. E se ele avançar com um
processo, de certeza que nos leva à
bancarrota... Mas...

PAUSA.

DANIEL

Hoje de manhã houve um turista que
passou por mim. Estava perdido.
Perguntou-me se hoje era feriado
aqui porque não estava ninguém nas
ruas a uma segunda-feira de manhã.

(CONTINUED)

EMANUEL

Nunca há ninguém nas ruas. Que tem?

DANIEL

Ainda não acabei. Depois ele perguntou-me o que é que se podia fazer por cá? Coisas para fazer ou sítios por visitar. E eu... que sou o presidente desta vila... nasci, vivi e casei cá... nada me veio à cabeça... Não me lembrei de nada. Nada... Não me lembrava de uma única razão porque estas pessoas deviam ver a nossa vila.

VERADORA #1

Continuo a não perceber.

DANIEL

Eu explico melhor... Nós vivemos no cu de Judas. Percebem? Esta vila... está morta. Morta! Não há ninguém nas ruas seja dia ou noite, verão, inverno, outono, primavera. Não há hospital aqui perto, os cinemas fecharam há 15 anos... Raios nem igreja temos... Estamos quase, quase falidos... Não há as coisas mais... básicas. Nada funciona nesta cidade. Nada! Nem sequer esta ventoinha de merda... e devia...

Daniel num ataque de fúria começa a partir a ventoinha aos bocados. Os membros do seu gabinete ficam chocados. Quando finalmente acaba respira fundo.

DANIEL

Secalhar alguns de vocês encolhem os ombros. Não é? "O que é que isso importa?" pensam vocês. "A nossa vila nunca foi muito conhecida". "Nunca tivemos muita gente." "É mais um turista lisboeta com a mania"... A questão aqui é muito mais profunda, caríssimos. Se a nossa vila é irrelevante... se ela não existe... então nada do que nós fazemos importa. Nada. O que é que importa ser presidente, ou vice-presidente, ou vereador ou vereadora de um sítio que para todos os efeitos já mal existe? Dentro de uns anos...

(MORE)

(CONTINUED)

DANIEL (cont'd)

vai estar praticamente deserta. A nossa população é quase totalmente idosa. Os filhos, as filhas, os netos, as netas, desta gente... pisgaram-se daqui. Nem os visitam no Natal. Alguns lá os vêm buscar para irem às casas deles em Lisboa, no Porto ou em França ou no Luxemburgo ou na Suíça... Esta vila dentro de pouco tempo vai ser esquecida. E eu e vocês seremos nada. Não existe história pra nós. Ninguém se vai lembrar das coisas que fizemos. Ou tentámos fazer. Ninguém. Estamos num sítio que nem Deus passaria aqui para dar uma mijadela.

SILÊNCIO. De repente todos se apercebem que Daniel talvez tivesse razão. Nada do que eles faziam importava.

EMANUEL

Bem que dava jeito um milagre.

DANIEL

O quê?

EMANUEL

Tava a pensar que nos dava jeito um milagre. Podia aparecer aqui... Cristo né? A Nossa Senhora apareceu em Fátima e aquilo tá sempre cheio de gente.

DANIEL

O quê?

EMANUEL

Nada. Esqueça. Esqueça o que eu disse.

De repente uma luz acendeu-se na cabeça de Daniel. Eureka. Da mesma forma como a maçã caiu na cabeça de Newton, uma ideia genial tinha aparecido a Daniel. A sua expressão era uma mistura de choque com felicidade.

DANIEL

Bem... se Deus não nos dá milagres... então fazemos nós os nossos.

(CONTINUED)

EMANUEL

O quê?

VERADORA #1

Não estou a perceber...

DANIEL

É isso. É isso. A solução de todos os nossos problemas.

Daniel começa a caminhar de um lado para o outro do seu gabinete num estado de completo extâse. Ninguém percebe o porquê. Francamente, estão todos um pouco assustados.

DANIEL

(gritando)

Fodasse, sim! Sim! Sim caralho!
Fodasse, sou um génio. Caralho.
Ca.Ra.Lho. Acho que até me mijei um bocadinho nas calças.

Todos fazem uma cara de nojo. E de confusão também.

EMANUEL

Sr. Presidente...

VERADORA #1

Que é que se passa? Que ideia genial é que teve?

Daniel volta a caminhar em direção à janela. Olha para o exterior.

DANIEL

Confiam em mim?

EMANUEL

Claro que sim...

VERADORA #1

Depende, não é... Se a ideia for boa.

Emanuel e os vereadores olham atentamente para Daniel. Segundos depois volta-se para eles.

DANIEL

A ideia que eu tive é... diria...
divinal.

ECRÃ NEGRO.

Ouvimos uma buzina de um carro. O som é alto. Repentino também.

INT. TAXI - MANHÃ.

Uma mulher acorda sobressaltada com os sons que ouvimos. Apercebe-se que adormeceu no banco de trás. Recompõe-se. Esta mulher na casa dos 30 é MARIA. Tem cabelo encaracolado, óculos, calças de ganga, uma t-shirt branca e um casaco preto.

TAXISTA

Oh menina, acorde lá que já chegámos.

MARIA

Certo, certo. Então devo-lhe quanto?

TAXISTA

40 escudos.

MARIA

Como?

TAXISTA

É isso que ouviu.

MARIA

Deve estar a gozar comigo. 40 escudos? Foi ao Porto e veio?

TAXISTA

Menina, é o que diz na máquina.

MARIA

É o que diz na máquina? É o que diz na máquina o tanas!

TAXISTA

Não é? Está-me a chamar de mentiroso?

MARIA

Não. Mas estou a chamar-lhe de aldrabão.

Maria olha para o relógio.

MARIA

Quer dizer: quando chamo um táxi normalmente demoro 20 minutos a chegar aqui e hoje consigo não só demorei 40 minutos, como pago o dobro? Eh pá vá aldrabar outra pessoa!

(CONTINUED)

TAXISTA

Menina, ou paga ou eu chamo a polícia!

MARIA

Se eu não estivesse atrasada pode ter a certeza que isto não ficava assim.

Maria sai do táxi apressada. Vai à sua carteira e retira o dinheiro. Aproxima-se da janela do taxista e atira-lhe o dinheiro para a face dele.

MARIA

Normalmente não desejo mal a ninguém mas espero sinceramente que até ao final do dia de hoje, alguém vomite esse banco de trás todo até que pareça um quadro do Jackson Pollock.

O taxista está enfurecido. Começa a recompor-se para tentar sair do táxi. Começa a abrir a porta.

TAXISTA

Ouçá lá, mas você pensa que é quem-

Maria fecha a porta do táxi, impedindo o taxista de sair.

MARIA

Nem se atreva ! Vá à sua vidinha masé. Ouviu?

O taxista assustado senta-se no seu lugar e coloca o cinto de segurança. Talvez vá ter que limpar o táxi mais cedo do que pensava.

EXT. RUA - MANHÃ.

Maria atravessa a rua num passo apressado. Entra num edifício repleto de vidros. A sua altura intimida. É dos mais altos desta rua.

INT. ENTRADA DE UM EDIFÍCIO - MANHÃ.

Maria, num passo acelerado, tenta chegar ao elevador. Sem sucesso. Dá um pontapé na porta.

INT. ELEVADOR - MANHÃ.

Maria está nervosa. Irrequieta. Está com mais sete pessoas no elevador. Finalmente, chega ao andar pretendido.

INT. ESCRITÓRIO - MANHÃ.

É um escritório grande. Vê-se pessoas sossegadas a trabalhar. Sossego esse interrompido por Maria que entra pelo escritório dentro e senta-se na sua secretária. Sente que cometeu o crime perfeito. Ninguém notou a sua presença, pensa ela. Segundos depois uma mulher aproxima-se dela.

MULHER#1

O chefe quer falar contigo.

MARIA

(baixinho)

Merda.

Maria acena com a cabeça.

INT. GABINETE DO CHEFE - MANHÃ.

Maria acompanha a mulher até a um gabinete. Bate à porta. Ouve uma voz que diz para entrar. A mulher abre a porta e Maria entra. Numa secretária completamente desorganizada, recheada dos mais variados papéis, dossiês e afins está ISAAC. É um homem na casa dos 50, sem barba, com a roupa toda amarrotada e aparenta estar com uma expressão desagradável. Se bem que pode ser só a expressão natural dele.

MARIA

Queria falar comigo?

ISAAC

Senta-te.

Maria relutantemente faz o que foi pedido.

ISAAC

Então, campeã? Outra vez atrasada?

MARIA

Desculpe chefe. Não volta a acontecer.

ISAAC

Estás sempre a dizer isso campeã...
Como é que eu sei que desta vez é verdade?

(CONTINUED)

Maria coloca a sua cabeça para baixo. E lentamente afunda-se no seu lugar. Está com vergonha.

ISAAC

A tua sorte é escreveres bem. Muito bem, aliás.

MARIA

Obrigada.

ISAAC

Bem... tem mais cuidado. Peço-te isso. Mais uma e as coisas não vão ser bonitas.

MARIA

Certo, certo. Registado.

Começa a levantar-se da cadeira mas-

ISAAC

Ei, ei, ei, então? Vais onde?

MARIA

Para o meu lugar? Trabalhar?

ISAAC

Calma, calma, que não foi por isso que eu te chamei aqui.

Com uma expressão confusa, volta a sentar-se.

ISAAC

Bem... não sei se estás a par disto mas para a próxima semana começam as celebrações do sexto aniversário da aparição de Cristo na Vila Nova do Sabugueiro.

MARIA

Ai é?

ISAAC

Sim. Quer dizer eles mudaram o nome da vila há uns anos... já não me lembro qual é. De qualquer das formas preciso que vás lá entrevistar umas quantas pessoas para fazermos uma edição especial para a próxima semana. É simples. Vais. Entrevistas umas pessoas. Vês a abertura da celebração. E voltas.

Maria suspira. Vê-se claramente que era a última coisa que lhe apeteia fazer.

MARIA

Não pode outra pessoa fazer isso?
Eu não sou crente sequer.

ISAAC

Eu ia mandar o José mas ele
infelizmente ficou doente. E além
disso, como já te disse és a melhor
pessoa que escreve aqui.

MARIA

Tem mesmo que ser?

ISAAC

Não estou a perceber... Que é que
se passa?

Maria levanta-se.

MARIA

É que estamos sempre a fazer estas
histórias de treta. Devíamos
escrever sobre histórias reais.
Interessantes. Que mudassem o
mundo. O que é que interessa uma
festa numa terriola qualquer que de
repente agora é a nova atração
religiosa do século XXI? Eu
licenciei-me em jornalismo para sei
lá... escrever e investigar
histórias interessantes. Sobre
aquilo que está a acontecer no
médio oriente. Sobre casos em que
as pessoas que estão no poder não
querem que se saiba porque assim
toda a gente descobre o quão
canalhas são... Coisas
importantes... Não pensa nisto? Sei
lá... não sei.

Maria volta a sentar-se. Isaac reclina-se na sua cadeira.
Está bastante sério. Nota-se que está a refletir no que
Maria disse.

ISAAC

Tens razão.

Maria está surpreendida. Desta não estava à espera. Isaac
levanta-se.

ISAAC

Nós devíamos estar a escrever histórias interessantes. Raios, porque tirámos jornalismo então? O mundo está a mudar tão rápido que já nem sabemos em quem confiar. Sim... Que se lixem estas histórias da carochinha! Isto interessa a quem? A reformados que já não sabem que dia de semana é? Tens razão, Maria. Devemos estar do lado da verdade. Sempre.

Maria sorri. Nem acredita no que acabou de ouvir. Finalmente deixaria estas fofuices de lado. Iria dedicar-se a algo que importasse realmente. Seja o que for.

MARIA

Uau...obrigado chefe.

ISAAC

Não tens de quê.

Pausa.

ISAAC

Mas...No entanto... Contudo... eu e tu trabalhamos para uma revista cor-de rosa. Falamos primariamente de telenovelas. Portanto nada dessa basbaqueira de verdade e blá blá blá. Literalmente escrevemos sobre o que vai acontecer no Anjo Selvagem daqui a 1 mês, umas quantas coisas de bricolage, inventamos que uma celebridade anda a comer outra e damos uns conselhos sexuais bastante esquisitos. Para não falar que o nosso público é primariamente reformados. Portanto: ou fazes o que te digo já e sem refilares ou despeço-te de uma vez por todas. Estas tuas atitudes de merda... Estou farto. Farto de te ouvir a contestar. Não gostas daqui? Vai embora. Simples. Agora faz o que te digo se queres continuar na tua secretária. E vais fazê-lo sem eu ouvir um piu.

(CONTINUED)

Nos olhos de Maria vemos os seus sonhos a serem despadaçados como um objeto de vidro que foi atirado para o chão. Lembrou-se para quem estava a trabalhar. Lembrou-se de onde estava a trabalhar. Isaac volta a sentar-se. Há um silêncio constrangedor.

ISAAC

Ah, vais embora amanhã de manhã. Já marquei uma entrevista com o presidente para o final da manhã. O hotel já está reservado também portanto... é isso. Sai.

Maria olha para Isaac.

ISAAC

Sai do meu escritório. Oupa. Tenho trabalho a fazer.

Maria faz um sorriso amarelo. Levanta-se e antes de sair do escritório volta-se para o seu chefe.

MARIA

Mais alguma coisa?

ISAAC

Ah... sim. Vais levar contigo aquele estagiário... Já não me lembro do nome dele. Estou farto de o ver tirar cafés. A ver se ele aprende alguma coisa contigo. Sem ser claro o desdém pelo trabalho e irresponsabilidade que tu tens perante o mesmo. Podes ir.

Maria acena com a cabeça e fecha a porta.

INT. CORREDOR DO ESCRITÓRIO - MANHÃ.

Vemos um café a ser tirado de uma máquina. Este é mexido e remexido com um pauzinho de madeira. Vemos uma cara de um jovem, PAULO na casa dos 20. Parece estar no paraíso. Está tranquilo. Em SILÊNCIO . Sopra para o café ligeiramente. Quando vai provar finalmente a bebida que tão ansiosamente aguardava, Maria bate na parede com muita força assustando-o e fazendo-o derramar café na sua camisa branca. Ainda por cima, parecia nova.

MARIA

Calma, calma... Também não é preciso uma reação dessas... portanto míudo... Eu e tu...vamos fazer uma roadtrip.

(CONTINUED)

PAULO
D-d-esculpe?

MARIA
Como é que te chamas?

PAULO
P-p-paulo. Paulo. E você?

MARIA
Maria. E por favor, não me trates
por você. Mas como tava a dizer: eu
e tu. Roadtrip.

PAULO
Não percebi... Quer um café?

MARIA
Não. Não... Estava a dizer que eu e
tu vamos fazer uma roadtrip. Vamos
entrevistar umas pessoas okay? E
tu...vais ser o meu assistente.

PAULO
Ai sim?

MARIA
Yep. Amanhã vai ter à estação de
Entrecampos às 7 da manhã. Não te
atrases.

PAULO
É amanhã? Mas eu esta semana ia-

MARIA
(interrompendo)
Paulo. Paulo. Paulo... Queres
trabalhar aqui, não queres?

Paulo abana a cabeça.

MARIA
É que não me aptece ir dizer ao
chefe que um estagiário não
remunerado acabou de recusar uma
hipótese ir aprender alguma coisa
sem ser tirar cafés da máquina.
Como é que achas que ele vai
reagir? Já o vi a despedir pessoas
por menos.

Paulo suspira.

PAULO

Lá estarei.

MARIA

Vês? Esse é o espírito.

Maria vai-se embora. Caminha com as mãos no bolso até que se lembra de algo. Volta-se para Paulo.

MARIA

(sorrindo sarcasticamente)

Já agora, devias trocar de camisa.
Estás todo cagado.

Paulo suspira profundamente. Decide tirar outro café.

EXT. RUA - NOITE.

Está uma noite de lua cheia. Ao redor, ouvimos os típicos barulhos de uma cidade que se recusa a adormecer. Não há paz. Nunca. E o conceito de silêncio também não existe. Só há mais barulho ou menos barulho. A nossa perspectiva muda para a de um carro estacionado numa rua iluminada apenas por uns postes de eletricidade. Vemos que está alguém lá dentro.

INT. CARRO DE MARIA - NOITE.

Finalmente vemos: é Maria. Está com uma expressão diferente do que a tínhamos visto antes: está ressentida. Com todas as forças que tem, tenta não chorar. Vemos que bebe de um recipiente de vidro. Parece uma bebida alcoólica. O quê, em específico não sabemos. Esfrega a cara. Os olhos. E coloca a sua cabeça para trás. Instantes depois, olha para o relógio e guarda a bebida no porta-luvas do carro. De lá tira um perfume que coloca em grande quantidade no seu pescoço e na sua camisola. Retira também um pacote de pastilhas elásticas de mentol. Tira duas e volta a guardá-las no sitio onde estavam. Sai do carro.

EXT. RUA - NOITE.

Maria caminha em direção a um prédio.

INT. HALL DE ENTRADA DE CASA - NOITE.

Uma porta abre repentinamente. Maria sorri e abraça a senhora que está à sua frente. Esta senhora está na casa dos 60, tem cabelo grisalho e é um pouco mais baixa do que Maria. É a MÃE DE MARIA. O seu abraço dura alguns segundos.

(CONTINUED)

MARIA
Como estás Mãe?

MÃE DE MARIA
Estou bem, querida. E tu? Há muito tempo que não vinhas cá!

MARIA
Desculpa. Tenho andado ocupada com o trabalho.

MÃE DE MARIA
Entra, entra!

INT. SALA DE JANTAR - NOITE.

À mesa, na sala de jantar, estão presentes o Pai de Maria, na casa dos 70 e o seu irmão, David, na casa dos 20. Jantam em SILÊNCIO.

MÃE DE MARIA
Então e como é que está a correr o teu trabalho?

MARIA
Eu?

MÃE DE MARIA
Sim.

MARIA
Está a ir. Amanhã vou para a Vila Nova do Sabugueiro entrevistar o presidente e mais algumas pessoas por causa das celebrações.

MÃE DE MARIA
Uau? A sério?

DAVID
Eles não mudaram de nome?

MÃE DE MARIA
Pois é... Como é que se chama agora?

PAI DE MARIA
Sangreal.

MÃE DE MARIA
É isso. Traz-me uma lembrancinha quando voltares então.

(CONTINUED)

MARIA

Ok.

PAI DE MARIA

Então e namorados? Nada?

A Mãe de Maria dá uma cotevelada ao seu marido. Notamos que é um tema que não devia ter sido mencionado. Este encolhe os ombros em forma de protesto.

MARIA

Não, pai. Nada.

PAI DE MARIA

O teu irmão já está bem casado, com um filho a caminho, com um emprego na área dele e a receber um bom ordenado... Já devias estar a assentar também.

Uma vez mais, uma cotevelada acompanhada de um olhar bastante sério da Mãe de Maria.

MARIA

Pois.. mas não estou. É o que é.

PAI DE MARIA

É o que é?

MARIA

Sim.

PAI DE MARIA

É assim que tu encaras a vida?

MARIA

É. Há problema?

A situação começa a ficar tensa. O ar torna-se um pouco difícil de respirar. Maria e o seu pai encaram olhares como dois pistoleiros prestes a defrontar-se. David, o seu irmão, desvia o olhar.

MÃE DE MARIA

(fazendo um sorriso amarelo)

Quem é que quer pudim?

EXT. ENTRADA DO PRÉDIO - NOITE.

Maria está sozinha sentada nas escadas do prédio. Fuma um cigarro. Está pensativa. Tenta respirar um pouco. Nota-se que está bastante incomodada. Mas mais uma vez, aguenta. Todos os seus sentimentos, Maria guarda-os dentro de si. Talvez para não mostrar fraqueza. Talvez para não lidar com eles. Instantes depois David aproxima-se dela e senta-se ao seu lado. Olha para ela com ternura.

DAVID

Não tinhas deixado de fumar?

MARIA

Sim. Mas encontrei uns cigarros perdidos na mala... E olha. É só de vez em quando.

DAVID

Arranjas-me um?

MARIA

Depende. A tua esposa não me vai moer o juízo?

DAVID

Naaaa. Ela não vai saber.

MARIA

Tenho perfume e pastilhas no carro se quiseres.

DAVID

Sempre pronta para emergências han?

MARIA

Não sei. Gosto de pensar que sim.

PAUSA.

MARIA

Desculpa, não te perguntei... Como é que vai o trabalho lá no laboratório?

DAVID

Vai bem, vai bem. Estamos a receber pessoas novas e a construir equipas o que é sempre bom. Quebra a monotonia. E tu? Estás bem?

(CONTINUED)

MARIA
Óptima. Não podia estar melhor.

DAVID
Anda lá. Mete cá pra fora.
Ultimamente nem me tens ligado.

Maria suspira.

MARIA
Eu sei. Desculpa.

DAVID
Não, não faz mal. É só que fico preocupado.

MARIA
Tens mais com que te preocupar maninho... Vais ser pai!

DAVID
(sorrindo)
Ainda faltam uns bons meses. Não me lembres disso.

MARIA
Porque é que a tua esposa não veio mesmo?

DAVID
Tinha umas coisas do trabalho para tratar e amanhã tem que se levantar às 4 da manhã... Não dava mesmo. Nós temos vindo jantar com eles. Tu é que não.

MARIA
Não se percebeu porquê durante o jantar?

DAVID
Oh vá lá.

PAUSA.

DAVID
Mana... podes falar comigo. Do que tu quiseres. Estou aqui pra isso. Que se passa?

Maria apaga o seu cigarro e atira-o para longe. Olha para baixo. Está uns segundos em silêncio e depois olha o seu irmão nos olhos.

MARIA

Sinto-me... nem sei como é que me sinto. Tenho 34 anos. Trabalho numa revista cujo únicos interesses é telenovelas e uma secção de duvidas sexuais que é matéria de pesadelos... A minha vida está um caos e sinceramente... Estou-me a cagar se estou solteira ou não. Isso tanto me faz. É só que... sempre gostei de jornalismo. Sempre achei que fosse fazer coisas extraordinárias. Sei lá, escrever para um grande jornal. Ir para o estrangeiro e quem sabe daqui a uns anos estar a escrever para o New York Times... Sinto que os meus sonhos foram pelo autoclismo abaixo. E o pior de tudo... é que eu nem tentei. Já estou na revista há dez anos. Deixei-me ir. E agora estou onde? Na merda. Com um emprego que odeio. Disse sempre para mim própria: "só mais um ano e depois sais". "Só mais um ano e depois sais".

PAUSA.

MARIA

Sempre quis escrever histórias que fossem importantes. E não escrever sobre quem é que na novela vai dormir com a sogra do assassino da nora.

DAVID

Assassino, nora quê?

MARIA

Tens que ver telenovelas maninho. São minas de ouro.

David apaga o seu cigarro e atira-o para longe.

DAVID

Mana... acho que a pior coisa que podes fazer é colocar um timer na tua vida. Nunca sabemos o dia de amanhã. E por amor de Deus, tens 34 anos. Ainda és jovem. Há pessoas que só encontram o seu emprego de sonho aos 40, aos 50... E

(MORE)

(CONTINUED)

DAVID (cont'd)
sinceramente quem sabe? Em vez de
tu procurares uma história incrível
secalhar é ela que te encontra.

Maria sorri ligeiramente. Encosta a cabeça no ombro do
irmão. Este por sua vez, faz o mesmo. E ficam os dois a
admirar a noite que os rodeia.

DAVID
Quando fores a Sangreal traz-me um
íman pro frigorífico. Assim uma
coisa engraçada.

MARIA
Eu trago. Eu trago.

EXT. RUA - MANHÃ.

Vemos um comboio a passar ao longe. Sozinho, encostado a um
poste de iluminação está Paulo. Parece que acordou há cerca
de 20 minutos. É provável. Apesar disso, está arranjado e
tenta parecer o mais adulto possível. Instantes depois um
carro cinzento aproxima-se dele. Ao buzinar, Paulo
assusta-se.

MARIA
Assustei-te?

PAULO
Não. Não.

MARIA
Pena não teres café contigo. Bom
dia. Estás pronto?

PAULO
Sim. Hum, onde é que vamos?

MARIA
O quê?

PAULO
Onde é que vamos?

MARIA
Onde é que vamos?

PAULO
Sim.

(CONTINUED)

MARIA

A sério que esperas para o dia da viagem para perguntar onde é que vamos? Não devia ser, sei lá, das primeiras coisas a perguntar?

PAULO

S-sim.

MARIA

Então quê, quando eras miúdo, se viesses uma carrinha branca a dizer "doces grátis" entravas nela, é?

PAULO

N-não.

MARIA

Estou-me a meter contigo. Sangreal. Conheces?

PAULO

Isso é em Espanha, não é?

MARIA

Não. Pronto, o nome antigo era Vila Nova do Sabugueiro.

PAULO

Oh meu Deus. É aí que vamos? Bora lá!

Paulo abre a porta do carro e senta-se no lugar do passageiro. Nota-se que está animado. Como um cão que vai passear.

MARIA

Religioso, portanto?

PAULO

Mais ou menos. Mas nunca lá fui. Ouvi dizer que aquilo é surreal.

Maria, encolhe os ombros, e decide ir. A viagem começa.

EXT. ESTRADA - MANHÃ.

Vemos o carro de Maria a percorrer estradas curvas, estradas retas, em bom estado ou em estado duvidoso. As paisagens que temos à nossa volta são de tirar o fôlego. Existe uma calma nelas. Uma beleza transcendental. Divina até.

INT. CARRO DE MARIA - MANHÃ.

Um SILÊNCIO domina o ambiente. Nenhum deles fala, estão ocupados a admirar as paisagens ou a pensar e refletir nos problemas que não gostam de falar. Silêncio este que, como tudo que existe na vida, não iria durar para sempre.

PAULO

Então... O que é que vamos fazer a Vila Nova do Sabugueiro?

MARIA

Meu, tens mesmo que começar a fazer as tuas perguntas mais cedo. Estamos em viagem há duas horas e só agora é que perguntas?

PAULO

Desculpa.

MARIA

Não, não, na boa... Vamos entrevistar o presidente e mais umas pessoas. Aparentemente no proxima semana vamos fazer uma edição especial sobre os 6 anos do aparecimento do JC em Sangreal.

PAULO

Desculpa... JC?

MARIA

Jesus Cristo. Moderniza a tua linguagem... Paulo né?

PAULO

Sim.

MARIA

Deixa-me fazer a pergunta que mais gosto de fazer a estagiários... Gostas de trabalhar na revista?

PAULO

Sim.

MARIA

Vá lá... Podes ser honesto.

PAULO

Mas eu gosto.

(CONTINUED)

MARIA

Eu não conto a ninguém.

Paulo está nervoso. Não sabe se pode confiar em Maria. Algo que ela se apercebe.

MARIA

Ok... Eu começo. Estou lá há 10 anos. Odeio lá estar. Tudo aquilo é merda. Desde as nossas secretárias àquilo que escrevemos. O pior erro que fiz foi ter lá ficado mais de dois meses. E conto-te um segredo já que estamos nisto: uma vez vi o nosso chefe a snifar coca e a masturbar-se atrás de um contentor do lixo no Bairro Alto.

PAULO

(horrorizado)

O quê? Isso é verdade?

MARIA

(sorrindo)

Não. Mas tinha piada. Quer dizer, se calhar, já aconteceu. Nunca se sabe né?

Paulo suspira de alívio. Sorri para Maria.

MARIA

Vês? Isto é divertido. Então diz lá. Sem medo. Gostas de lá estar?

Paulo reclina-se na sua cadeira. Sente que já pode confiar em Maria. Pelo menos um pouco.

PAULO

Sim... quer dizer a maior parte dos dias. Só não aprecio muito quando tenho de limpar os quartos de banho.

MARIA

Espera, tu limpas os WC's?

PAULO

Sim.

MARIA

O quê? É pra isso que temos uma empregada de limpeza.

(CONTINUED)

PAULO

Pelos vistos ela agora vem poucas vezes e o Isaa- o chefe, digo, manda-me limpá-las.

MARIA

Epá, a sério... Devias dizer que não. Uma coisa é tirar cafés, agora limpar casas de banho. Ainda por cima aposto que cheira tão mal depois do Samuel ir lá depois de almoço.

Paulo pondera responder. Maria parece ser alguém diferente. Alguém que genuinamente quer saber das suas opiniões.

PAULO

(sorrindo)

Cheira muito mal mesmo.

MARIA

Tipo quê, a três cadáveres que foram encontrados ao fim de séculos?

PAULO

Pior.

Ambos riem-se. Instantes depois as expressões deles começam a mudar. Em vez de sorrisos, agora vemos choque. Parece que viram um fantasma. Ou uma centena deles. Maria encosta o carro.

MARIA

C'um caralho.

Ambos saem do carro.

EXT. ENTRADA DE SANGREAL - MANHÃ.

Finalmente vemos porquê. Em vez da placa velha que vimos anteriormente com o nome da vila, está uma estátua em mármore de cerca de 10 metros de Jesus Cristo a sorrir e com os braços posicionados de tal forma que aparenta estar a convidar as pessoas a visitar a cidade. Um pouco mais abaixo dos seus pés vemos o nome inscrito em letras belíssimas- "Sangreal".

Maria e Paulo estão perplexos. Parece que morreram e estão às portas do Céu. Só falta S.Pedro vir dizer um olá.

(CONTINUED)

MARIA
Paulo?

PAULO
Sim?

MARIA
Vai-me buscar a minha máquina
fotográfica. Por favor.

Paulo dirige-se ao carro como uma máquina a fazer uma função atribuída.

PAULO
Onde está?

MARIA
Porta... Porta-luvas.

Paulo abre o porta-luvas. Está uma confusão. Vemos umas garrafas de vidro de whisky pequeninas, uma lanterna, dois gravadores. Mas nada de máquina fotográfica. Paulo olha para trás e vê uma bolsa que contém uma máquina fotográfica. Pega nela. Caminha para junto de Maria e entrega-lhe.

PAULO
Estava no banco de trás.

MARIA
Isso.

É impossível negar que a estátua é imponente. Olha para eles os dois de uma forma ternurenta mas austera. E de algum modo, este olhar parece muito real. Como se a estátua fosse ganhar vida a qualquer momento. Maria recua uns passos e tira uma fotografia. Faz um sinal a Paulo para ambos voltarem para o carro.

INT. CARRO DE MARIA - MANHÃ.

Sentam-se os dois ainda perplexos com o que acabaram de ver. Olham um para o outro.

MARIA
Bem... já chegámos.

EXT. CENTRO DA VILA - MANHÃ.

O nosso olhar é dirigido para uma loja. Contudo, esta loja é bastante incomum. Isto porque tem à venda máscaras de Jesus Cristo, toalhas de praia com a face de Cristo, almofadas com bonecos, copos, canecas, t-shirts, calções - tudo ou com a face de Cristo ou à sua figura. O mais singular é que esta loja não é a única que vende este tipo de produtos. Ao longo de toda uma avenida, vende-se os mais variados produtos, digamos "religiosos". O centro da vila ao contrário do que vimos anteriormente está repleto de gente. Repleto mesmo. E podemos ver que as pedras na calçada, as lojas, até os edificios que os rodeiam, estão em ótimas condições. Maria e Paulo são apenas uns pequenos pontos numa avenida povoada pelas mais variadas pessoas, das mais variadas idades e etnias.

A nossa perspectiva muda. Agora acompanhamos Maria e Paulo que estão chocados a olhar para o que os rodeia. Tudo aquilo era uma espécie de união matrimonial entre capitalismo, o consumismo e a exploração da fé das pessoas.

MARIA

Vou ser honesta. Nunca imaginei que isto fosse... isto. Ou que estaria aqui tanta gente.

PAULO

Isto está apinhado. Ainda por cima num dia de semana.

MARIA

E olha para estas coisas!

Maria agarra um boné que tem a cara de Jesus a sorrir. Mostra-a a Paulo. Este nem sabe o que dizer.

MARIA

Oh meu Deus. Estás a gozar!

Maria corre para uma loja que tem umas montras expostas no exterior. Paulo, com alguma dificuldade devido à quantidade de pessoas que vão contra si, tenta acompanhar. Maria agarra em algo que não nos apercebemos ainda do que é. Finalmente se consegue juntar a Maria.

MARIA

Paulo. O que eu te vou mostrar agora vai mudar a tua vida completamente. Estás pronto?

(CONTINUED)

Paulo acena com a cabeça. Maria finalmente mostra: é um boneco incrivelmente musculado de Jesus Cristo, que está sem camisola e tem um sorriso arrogante na sua cara. Quanto à sua musculatura, pouco falta para rivalizar o próprio Hulk.

PAULO
(surpreendido e chocado)
O quê?

Paulo fica impressionado com o que vê. Começa a rir-se.

MARIA
Calma. Se puxares esta cordinha aí
atrás ele...

Maria puxa a corda e mais uma surpresa é desvendada.

BONECO DE JESUS CRISTO
(alto)
Não- Crente, queres o meu sangue,
é? Então pega lá um pontapé! Amén!

O boneco fala. Paulo nem acredita no que vê.

PAULO
Vou tão levar isto.

Paulo entra na loja. Maria olha para aquela maluquice toda com uma expressão confusa e ao mesmo tempo maravilhada. É daquelas alturas da vida em que existe algo tão extravagante, tão surreal, tão ridículo que se torna divertido. É a nossa curiosidade humana. Provavelmente.

Paulo volta da loja. Está feliz. Como uma criança que comprou um brinquedo. Literalmente. Maria está quase que em transe. Paulo abana a sua mão à frente dela.

PAULO
Ei. Estás bem?

MARIA
Sim estou só... Tava aqui a ver
isto tudo... Parece assim uma...
Disneyland Católica né?

PAULO
Não queres dizer uma Cristoland?

MARIA
Se vais fazer trocadilhos mando-te
de volta para Lisboa.

PAULO
Não, não, olha ali aquela placa.

Maria olha para uma placa gigante que diz exatamente isso:
Cristoland, um parque de diversões católico, com montanhas russas e outras mil e uma atrações.

MARIA
(suspirando)
Uau.

PAULO
Então e agora?

Maria olha para o seu relógio.

MARIA
É melhor irmos andando. O
presidente tem um tempo limitado
para nós portanto...

EXT. ESCADARIA DA JUNTA DE FREGUESIA - MANHÃ.

Um edifício imponente é-nos apresentado. Tem estátuas de teor religioso à sua volta e um número muito elevado de escadas que são subidas, com algum custo, por Maria e Paulo.

INT. ENTRADA DA JUNTA - MANHÃ.

Como tudo o que vimos até agora, também a junta está diferente. Está como nova. O chão é de maravilhar. E o eco que produz é qualquer coisa também. Parece moderna. Maria e Paulo dirigem-se com alguma pressa a uma rececionista que está presente no fundo da sala. Ao aproximarem-se dela vemos uma cara familiar: Rebeca. Está muito bem arranjada. Olha para ambos com um sorriso de orelha a orelha. É um pouco estranho na verdade.

REBECA
Muito bom dia, cordeiros de Deus!
Em que vos posso ser útil?

Maria e Paulo olham muito confusos um para o outro. Pensam em como era estranha, esta breve interacção. Mas adiante.

MARIA
Olá, o meu nome é Maria dos Santos.
Tenho uma entrevista marcada com o presidente.

REBECA

Deixe-me confirmar, sim?

Rebeca procura numa agenda gigante, folheando inúmeras páginas à procura da informação pretendida. Após alguns segundos, lá a encontra.

REBECA

Ora aqui está! Tem sim, senhora! É de uma revista de novelas, não é? Da Maria?

MARIA

Não, não. Eu chamo-me Maria, mas não fazemos parte da Revista Maria. Não há relação.

REBECA

Mas são de uma revista dessas, certo?

MARIA

Sim, sim.

REBECA

Qual é que é?

MARIA

(fazendo um sorriso amarelo)
Da revista Raquel.

REBECA

Revista? Raquel?

Maria acena com a cabeça. Rebeca mostra-se confusa. Vê-se que nunca ouviu falar desta revista.

REBECA

Pois... Pois, eu compro assim de vez em quando... Quando... Pronto de qualquer forma o presidente não se encontra no seu gabinete, mas deve estar a chegar a qualquer momento.

MARIA

Sabe-me dizer quanto tempo é que ele demora? É que disseram-nos que o tempo dele era muito limitado e que tínhamos de ser muito breves.

REBECA
Deixe-me ver que horas
sãaaaaoooo....

Rebeca olha para o seu relógio.

REBECA
Diria que entre 5 minutos a...

MARIA
15?

REBECA
1 hora.

Maria está perplexa. Confusa também.

MARIA
P-p-pronto... Onde podemos esperar?

REBECA
Siga por aquele corredor à
esquerda. Vai encontrar umas
cadeiras junto do gabinete do sr.
Presidente.

MARIA
Ok. Obrigada.

REBECA
Tenham um santo dia!

INT. QUARTO DE DANIEL - MANHÃ.

Ouvimos um SOM DE UM DESPERTADOR. No entanto este som é atípico. Em vez de um barulho incomodativo, é de uma harpa a tocar. Vemos Daniel a acordar. Levanta-se e espreguiça-se com um pequeno sorriso na cara. Está bastante diferente desde a última vez que o tínhamos visto. Está mais magro, a sua barba aparada e existe algo na sua atitude muito diferente. Quase que se pode dizer que parece feliz. Está vestido apenas com umas cuecas brancas e um roupão de cetim branco. Começa a dançar no quarto. Quando o começa a fazer uma música o acompanha. De notar que este quarto é amplo. Espaçoso. A cama é luxuosa. Assim como a mobília que tem no quarto.

INT. CORREDOR DE DANIEL - MANHÃ.

Este desliza pelo corredor como se estivesse a fazer snowboard. Mas dentro de casa. Estranho.

INT. QUARTO DE BANHO DE DANIEL - MANHÃ.

Os azulejos, a banheira, o chuveiro, os lavatórios - uau. De impressionar qualquer um. São belos. Aliás belos é dizer pouco. Acima de tudo parecem caros. Daniel faz a barba, muito concentrado. E uma vez mais tem um sorriso no rosto.

Agora vemos Daniel a cantar e dançar no chuveiro. Como seria de esperar.

INT. SALA DE JANTAR - MANHÃ.

Daniel desce umas escadas gigantes e caminha em direção a uma mesa enorme. Está muito bem arranjado. Tem um capachinho de forma a encobrir a sua falta de cabelo. Usa um fato branco que lhe dá um aspeto empresarial. No seu peito tem uns crucifixos aparentemente de prata. Nas suas mãos, anéis de prata também. Num dos bolsos do seu casaco tem uns óculos escuros.

Senta-se numa mesa enorme recheada de comida com um aspeto divinal. Devora-a quase instantaneamente. Um mordomo aproxima-se de Daniel com uma bandeja prateada e retira a tampa grande que a cobre apenas para revelar que por baixo desta estão, em forma de cruz cristã, inúmeros cigarros prontos para serem fumados. Daniel sorri e retira uns quantos.

INT. HALL DE ENTRADA DA CASA DE DANIEL - MANHÃ.

Um pouco à esquerda da porta, uma gaiola grande tem três papagaios. Parecem exóticos. Daniel sorri a olhar para eles. Bate na gaiola muito suavemente como que a cumprimentá-los. À entrada dois mordomos lhe entregam um cachecol branco, um chapéu branco e uma mala branca. E com isto sai de casa.

EXT. JARDIM DA CASA DE DANIEL - MANHÃ.

Ao fundo vemos a casa enorme de Daniel. Não se pode dizer que parece uma casa multimilionária. Mas pouco falta. Daniel aproxima-se de um carro branco descapotável. Entra e acelera com toda a velocidade para fora da sua moradia.

INT. ENTRADA DA JUNTA DE FREGUESIA - MANHÃ.

Daniel irrompe pelas portas da Câmara como um furacão.

DANIEL

Ora bom dia, querida Rebeca! Deus
lhe abençoe o dia!

REBECA

A si também, Sr. Presidente. É ver-

No entanto antes de acabar a sua frase Daniel sai de vista e já está longe demais para a ouvir. Passa por Maria e Paulo, que se levantam. Este ignora-os e entra no gabinete. Maria caminha até à secretária de Rebeca e faz-lhe um olhar confuso. Rebeca por sua vez faz-lhe um sinal para aguardar um pouco enquanto agarra num telefone.

Instantes depois levanta-se e caminha na sua direção.

REBECA

Têm cerca de 10 minutos. O
presidente tem um dia muito
ocupado. Entendidos?

Maria e Paulo acenam com a cabeça. Rebeca caminha até ao gabinete. Abre-lhes a porta.

INT. GABINETE DO PRESIDENTE - TARDE.

Como tudo o que existe na cidade, também o gabinete que vemos já não é o mesmo. Movéis novos, retratos gigantes do presidente, fotografias com várias pessoas famosas, ocupam este gabinete, assim como crucifixos e todo o tipo de iconografia religiosa. Daniel levanta-se para cumprimentar Maria e Paulo que estão próximos da sua secretária.

DANIEL

Sentem-se, sentem-se!

Ambos fazem o que foi pedido.

DANIEL

Então uma entrevista, não é? Como
vos foi dito, vai ter que ser muito
breve.

MARIA

Antes de mais obrigada
sr. Presidente e não se preocupe
que não lhe ocupamos muito do seu
tempo.

(CONTINUED)

DANIEL
Qual é o jornal?

MARIA
Não é um jornal.

DANIEL
Televisão? Não vejo nenhuma
câmara...

MARIA
Nós trabalhamos para uma revista.

DANIEL
A revista Maria?

MARIA
Não.

DANIEL
Nova Gente?

MARIA
Não.

DANIEL
TV 7 dias?

MARIA
Não.

DANIEL
Okay...qual então?

MARIA
Raquel.

Daniel encosta-se na sua cadeira. Tem uma expressão confusa.

DANIEL
Que tipo de revista é que se chama
Raquel?

MARIA
Bem... a nossa.

DANIEL
Certo... E vocês como se chamam?

MARIA
O meu nome é Maria e este é o
Paulo.

DANIEL

Prazer. Força... Quando quiserem.

Maria coloca um gravador em cima da mesa.

DANIEL

Desculpe... Isto vai ser gravado?

MARIA

É só um auxiliar de memória. Nada disto se vai ouvir.

DANIEL

Preferia que não usasse.

MARIA

Há algum problema?

DANIEL

Sim. Eu concordei numa entrevista. Não sabia que ia ser gravado. Portanto preferia que não usassem. Não me sinto confortável.

MARIA

Isto não vai para lado nenhum. Vai ficar para mim. É só para eu me lembrar da conversa.

DANIEL

Tem problemas em lembrar-se de conversas curtas?

Maria, com um sorriso amarelo, guarda o gravador no seu bolso. Tira um papel e uma caneta.

DANIEL

Desculpe. Mas eu gosto de ter acesso ao que digo.

MARIA

Então vamos começar. Sr. Daniel, há quanto tempo é presidente de Sangreal?

DANIEL

Ui...Já vai fazer 12 anos. Vivi aqui grande parte da minha vida. Só saí para ir estudar para Lisboa nos meus tempos de juventude... Mas desde aí sempre estive envolvido de uma forma ou de outra com a vila. Maioritariamente política.

MARIA

Como é que olha para as celebrações do 6º aniversário do aparecimento de Cristo?

DANIEL

Com muita felicidade. É bom ver a nossa vila cheia. Seja de crentes, turistas, investidores... Todos são bem-vindos desde que venham em paz.

MARIA

O que é que nos pode dizer sobre as celebrações em si? Que tipo de surpresas nos aguardam?

DANIEL

Muitas. Primeiro teremos música a semana toda. As melhores bandas de rock cristão vêm cá tocar. Nomes como os Aleluia! ou o Carpinteiro Rockeiro vão estar presentes. E este ano para inovar temos pela primeira vez, artistas rap cristãos para os mais jovens... "curtirem"... Como eles dizem.

Maria tenta aguentar o seu riso enquanto escreve.

MARIA

Que artistas rap cristãos vêm marcar presença?

DANIEL

Temos três: o Espírito Santo, o Pai Severo e o grupo Diretamente da Sacristia.

MARIA

Certo. Certo. E mais?

DANIEL

E claro... vamos abrir a maior Cristoteca do país também!

MARIA

Desculpe... Cristoteca?

DANIEL

É uma discoteca, mas com música cristã.

MARIA

Pode explicar o conceito?

DANIEL

Claro! Em vez de ser uma discoteca como aquelas que existem pelo país todo em que são espaços próprios para a badalhoquice, em que as pessoas vomitam no chão, defecam nos balcões e consomem ... como é que os jovens dizem... cigarros esverdeados? Pumbas umbas?

MARIA

Está a falar de Marijuana?

DANIEL

Isso! A alface do Diabo, exatamente... Na Cristoteca não há disso. Só ha água, água benta e música para aquecer a alma. É um espaço onde os crentes podem divertir-se e também orar a seu ritmo e vontade.

Maria está um pouco incomodada com o que acaba de ouvir. Por muito que não seja crente, custa ouvir alguém a exhibir a sua ganância com tanto à vontade. Por isso, olha para o seu caderno e após uns segundos risca as perguntas que tinha escrito. Decide improvisar.

MARIA

Diga-me, sr. Presidente? Como é que era a vida em Sangreal? Quando ainda era Vila Nova do Sabugueiro?

DANIEL

Ui... Era complicada. Muito. Era uma vila quase vazia. As pessoas iam-se embora daqui e nunca mais voltavam. Ao contrário de hoje. A maior parte das pessoas eram idosas... Ninguém queria investir aqui. Todos os dias nós rezávamos para tentar que a nossa vida fosse um pouco melhor. E um dia... Deus ouviu.

MARIA

Deus ouviu?

(CONTINUED)

DANIEL

Bem... Deus ouviu e o filho dele veio até nós. Foi um dia maravilhoso. Uma noite aliás.

MARIA

E já agora como foi essa... noite? Pode-nos explicar?

DANIEL

Como lhe disse foi das coisas mais bonitas que vi na minha vida... Portanto, antigamente também tínhamos uma festa em honra a Cristo... Claro que não era nada do que é agora... E estava a aldeia toda na festa. Estávamos a beber *coice de burro*, a bebida cá da terra e a dançar e a bailar quando começamos a ver coisas estranhas no céu. De um momento pro outro no cimo do monte de S.Abraão surge Cristo a abençoar-nos com a sua presença e dizer-nos que esta vila que foi esquecida por tantos, será lembrada por muitos. Depois houve um vídeo que circulou na imprensa nacional e depois internacional. Quando o Papa falou disso...isso sim foi o despoletar de tudo. Se tudo correr bem, pro ano ainda o teremos cá. Mas... uma coisa de cada vez.

MARIA

Tem grandes ambições.

DANIEL

Tem que ser. Temos que fazer algo que fique pra trás quando for a nossa hora.

MARIA

É interessante quando uma vila desconhecida se torna um ponto de atração gigante de um momento para o outro.

DANIEL

Sim. Foi um autêntico milagre.

Maria pára de escrever. Olha para o gabinete em que está. Vê o luxo. Nos movéis. Nos retratos. E vê os crufixos de prata do presidente. Assim como os seus anéis. Suspira. Está pensativa. Está indecisa entre dizer o que pensa ou não. Arrisca.

MARIA

Milagre? Ou conveniência?

DANIEL

Desculpe?

MARIA

Só estou a dizer: para uma vila que-

DANIEL

(interrompendo)

Acha que é a primeira a dizer uma coisa dessas? É tão arrogante a esse ponto?

MARIA

Não queria ofender.

DANIEL

Não, é que eu já estou farto de ouvir esses comentários. Sabe? Farto? E não aceitei fazer esta entrevista para ser insultado. Percebe? Não acredita que Cristo abençoou a nossa vila? Tem bom remédio: não venha.

PAUSA.

DANIEL

De qualquer das formas já estamos sem tempo, portanto...

Maria e Paulo estão confusos. Não percebem o que fazer.

DANIEL

Obrigado por terem vindo. E boa sorte lá com a entrevista pro jornal ou lá o que é.

MARIA

É uma revista.

DANIEL

Isso. Adeus.

Maria e Paulo levantam-se e saem do gabinete.

EXT. ESCADAS DA CÂMARA - MANHÃ.

Maria e Paulo descem lentamente as escadas. Maria está calada. Perplexa.

PAULO

Bem... Por um lado ainda bem que não estavas a gravar.

MARIA

Que pessoa simpática. Mas também o que se esperar de alguém que usa um fato completamente branco.

PAULO

Quer dizer... Posso dizer uma coisa?

MARIA

Força.

PAULO

Aquela pergunta... em que insinuaste que era conveniente o milagre ter acontecido...

MARIA

Em primeiro lugar, eu não insinuei nada. Eu disse. Segundo... Não achas estranho? Tudo isto?

PAULO

É um bocadinho bizarro...

MARIA

Um bocadinho? Uma vila de que ninguém tinha ouvido falar e assim repentinamente torna-se uma empreendimento destes? É estranho. Muito.

PAULO

Sim... mas há muita gente que acha o mesmo. Que tem?

MARIA

Que tem, Paulo? Ouve, eu não sou uma pessoa católica okay? Não sou crente, já me deixei disso. Mas tudo isto que está aqui... Montanhas russas com a cara de Cristo? Bonecos de plástico musculados de Jesus? Uma

(MORE)

(CONTINUED)

MARIA (cont'd)

Cristoteca? Isto é só pessoas gananciosas a aproveitarem-se da fé das pessoas... Eu sei que literalmente a Igreja Católica faz e sempre fez isso. E faz e fez coisas muito más. Aliás é a razão da sua existência. E isto aqui... nota-se que nem se preocupam em esconder a ganância já. É um exagero. Tudo.

PAULO

Pois...

MARIA

E aquele amiguinho nosso não se deve queixar. Desde que lhe encham os bolsos.

PAUSA.

PAULO

O que fazemos agora?

MARIA

Agora vamos comer qualquer coisa. Depois vamos entrevistar pessoas.

INT. HALL DE ENTRADA DA CASA DE DANIEL - NOITE.

Ouvimos uma CAMPAINHA a tocar. Um mordomo vai abrir a porta. Entram Emanuel e os Vereadores. Estão todos bastante diferentes. Nota-se que têm vivido bem. Bons fatos, bons vestidos. São conduzidos pelo mordomo até uma sala de estar, onde está Daniel.

INT. SALA DE ESTAR DA CASA DE DANIEL - NOITE.

Entram e o mordomo fecha a porta.

DANIEL

Olá, caríssimos. Como estão?

EMANUEL

Está tudo bem, sr.Presidente.

Os vereadores acenam com a cabeça, sorrindo ao sr.Presidente.

(CONTINUED)

DANIEL

O jantar vai ser servido
entretanto. Estejam à vontade para
beberem qualquer coisa.

EMANUEL

Então e como foi o seu dia?

DANIEL

Foi razoável. Estive a ouvir
aqueles tipos das construções por
causa da Cristoteca...

EMANUEL

Nem me diga. São uns chatos!

DANIEL

Podes crer. Depois falei com o
agente dos Aleluia! porque a banda
anda às cabeçadas uns com os outros
e não sei quê. Não percebi.

EMANUEL

Mas vêm na mesma, certo?

DANIEL

Sim, sim. Eh pá, mas digo-te:
comecei o meu dia logo maldisposto.

EMANUEL

Porquê? Que se passou?

DANIEL

Foi lá uma jornalista zeca
que trabalhava para uma revista
que nem sabia que existia... Foi lá
entrevistar-me. Tava a correr bem e
como sempre envia-me aquela do "é
conveniente, o milagre "blah, blah,
blah".

EMANUEL

E tu?

DANIEL

Fui mais delicado do que o costume
por acaso. Disse-lhe que já não
tinha tempo pra ela e mandei-a
sair.

EMANUEL

Anda a ficar mole com a idade
sr. Presidente. Lembra-se daquele

(MORE)

(CONTINUED)

EMANUEL (cont'd)
gajo do Diário de Noticias que fez
a mesma pergunta e você lhe mandou
com o candeeiro à cabeça?

DANIEL
Bons tempos. Ainda por cima foi
mesmo em cheio. Só foi pena porque
o gajo começou a sangrar em cima da
carpete do meu gabinete, mas
enfim... Valeu a pena!

O vereador toca com uma colher no copo. Todos olham para
ele.

VEREADOR #1
Ora bem. Se me permitem...Agora que
estamos todos de copo cheio...
Queria propor um brinde ao nosso
anfitrião e ao homem que fez
milagres para esta vila ser o que é
hoje. Sem si, sr. presidente, não
tínhamos nada.

VERADORA #1
E já agora, um brinde ao
vice-presidente também!

Levantam todos os copos e bebem. Daniel está feliz. Tem o
que queria. O que sempre quis. Mas, queria ainda mais.

EXT. RUA - NOITE.

Maria está sozinha a fumar um cigarro. Está numa rua
movimentada com bares e pessoas a passear atrás de si.
Instantes depois chega Paulo com duas cervejas. Entrega uma
a Maria. Maria bebe um gole, ficando com uma expressão de
extrema satisfação na cara.

MARIA
Caralho, estava mesmo a precisar.

Paulo bebe um gole também.

PAULO
Também.

MARIA
Amanhã vamos entrevistar pessoas um
pouco mais longe, daqui senão tamos
tramados. Isto de entrevistar
turistas não dá com nada. E o

(MORE)

(CONTINUED)

MARIA (cont'd)

pessoal que é daqui de perto estão sempre a contar a mesma história... "Estavamos a beber *coice de burro* e depois Cristo apareceu" " Foi tão bonito". "Foi tão mágico". Nossa.

PAULO

Nunca ouvi tanta gente a elogiar de uma bebida que tem um nome horrível.

Maria está pensativa depois do que foi dito por Paulo.

MARIA

Realmente... todas as pessoas com quem falámos, que supostamente viram este milagre... Todas elas disseram que estavam a beber *coice de burro*. Estranho.

PAULO

Estranho porquê?

MARIA

Não sei... Sei lá quando vou aos santos com um grupo de pessoas nem todos bebemos a mesma coisa.

PAULO

Isso depende.

MARIA

Suponho que sim.

PAULO

Mas quem me dera viver aqui.

MARIA

Credo!

PAULO

Então... já viste o que é estares na festa da tua aldeia e a junta oferecer a bebida tradicional de borla? Não bebias?

MARIA

Nope. Se é de borla, é porque há alguma coisa de errado. Não confies tanto nas pessoas, Paulito. Lição número um.

(CONTINUED)

PAULO

Okay.

Maria e Paulo brindam. Bebem os seus copos de cerveja de uma vez só. Maria arrota.

MARIA

Que tal?

PAULO

Foi bom.

MARIA

Lição número dois. Nunca deixes a tua supervisora com sede. Vai lá buscar mais duas. Eu pago.

Maria retira uma nota e dá a Paulo, que entra num café. Maria está pensativa.

EXT. ENTRADA DE UMA CASA - MANHÃ.

Maria e Paulo aproximam-se de uma casa. Tocam à campainha.

VOZ (O.S)

Quem é?

MARIA

Olá, bom dia. O meu nome é Maria dos Santos e estou a entrevistar pessoas para uma edição especial de-

VOZ (O.S)

(interrompendo)

Não estou interessado, vá-se embora.

EXT. ENTRADA DE UM PRÉDIO - MANHÃ.

Maria e Paulo aproximam-se de outro prédio. Tocam à campainha.

VOZ (O.S)

Quem é?

MARIA

Olá, bom dia. O meu nome é Maria dos Santos e estou a entrevistar pessoas para-

(CONTINUED)

VOZ (O.S)
(interrompendo)
Oh menina vá-se lá embora que eu
não quero nada disso.

EXT. ENTRADA DE UMA CASA - MANHÃ.

Maria e Paulo aproximam-se de uma casa. Tocam à campainha.

VOZ (O.S)
Quem é?

MARIA
Olá, bom dia. O meu nome é Maria
dos-

VOZ (O.S)
(interrompendo)
Menina, não sei quem é, portanto
embora daqui!

EXT. ENTRADA DE UM PRÉDIO - MANHÃ.

Maria e Paulo aproximam-se de um prédio. Tocam à campainha.

VOZ (O.S)
Quem é?

MARIA
Olá, bom dia-

VOZ (O.S)
(interrompendo)
Não, não não. Não quero. Não quero.
Não Não.

EXT. ENTRADA DE UMA CASA - MANHÃ.

Maria e Paulo aproximam-se de uma casa. Tocam à campainha.

VOZ (O.S)
Uma entrevista? Pode ser... Entre,
entre, menina!

Maria e Paulo ficam surpeendidos. Entram.

INT. HALL DE ENTRADA DA CASA DE MARTA - MANHÃ.

Abre a porta, MARTA, uma senhora na casa dos 70, cabelo branco, óculos e um sorriso de orelha a orelha. Parece bastante simpática. Este hall é pequeno. Estreito. Maria e Paulo seguem esta senhora pela casa.

INT. SALA DE ESTAR DA CASA DE MARTA - MANHÃ.

Marta senta-se numa cadeira pequena. Faz sinal para os dois se sentarem no sofá. Não é muito grande, mas cabem os dois.

MARTA
Querem comer alguma coisita?

MARIA
Não, estamos bem. Obrigada.

PAULO
Obrigado.

MARTA
Então como vos posso ajudar?

MARIA
Queríamos só lhe fazer umas perguntinhas rápidas. Pode ser?

MARTA
Sobre quê?

MARIA
Sobre a vida aqui em Sangreal. Como era antes do Milagre. É algo rápido. Pode ser?

MARTA
Sim, sim como quiserem.

Maria tira o seu gravador da mala. Coloca-o a gravar.

MARIA
Estamos aqui com- como é que se chama mesmo?

MARTA
Marta. Marta Avintes.

MARIA
Estamos aqui com a D. Marta Avintes... Diga-me há quantos anos reside em Sangreal?

(CONTINUED)

MARTA

Desde que nasci. Quando ainda era Vila Nova do Sabugueiro.

MARIA

Como é que era a Vila antes do milagre?

MARTA

Olhe menina era uma miséria. Não havia muita gente nova com quem falar, a igreja estava quase a cair, as colheitas eram piores de ano para ano... Era muito complicado.

MARIA

Diga-me: o que se lembra da noite do Milagre?

MARTA

Olhe, foi uma noite muito especial. Era tradição a gente ir beber pra rua, não é? Ainda por cima, nesse ano a junta comprou todos os lotes de *coice de burro* e durante a festa, que na altura era muito pequena, ofereceu-nos de borla. A toda a gente.

MARIA

Espere... A junta ofereceu a bebida tradicional a toda a gente? Sem custos?

MARTA

Sim, senhora. E ainda bem que o fez que na altura havia cada vez mais gente a não gostar do nosso querido presidente.

MARIA

Mas desculpe insistir... isto já tinha acontecido? Em anos anteriores?

MARTA

Nunca. Mas foi fenomenal menina. Não houve ninguém que não tenha bebido *coice de burro* nessa noite!

Maria está desconfiada. Parece-lhe muito estranho. Decide continuar a entrevista.

(CONTINUED)

MARIA

Perdão... diga-me o que mais se lembra dessa noite.

MARTA

Pronto... Estava eu a beber a minha bebida, estava a vila toda a cantar e a dançar, como já não acontecia há anos quando... começamos a ver umas luzes estranhas. E uma voz assim bonita apareceu de todos os lados... E depois a gente olhou pra cima do Monte de S. Abraão e vimos Cristo. E ele disse-nos coisas maravilhosas. Foi tão bonito, menina. Só de pensar, dá-me vontade de chorar.

MARIA

C-certo...Acredito que sim. Responda-me a mais uma pergunta: uA vila mudou tanto em tão pouco tempo, tenho a certeza... Existe alguma coisa de que sente falta quando ainda era Vila Nova do Sabugueiro? Antes desta...confusão toda?

MARTA

Olhe, por um lado era mais sossegado. Mas isso ao contrário de muita gente, incomoda-me. Eu gosto de conviver com as pessoas. Quantas mais, melhor... Portanto não posso dizer que sinta falta de como a vila era antigamente... Quer dizer...tenho saudades do nosso padre antigo.

MARIA

Padre antigo?

MARTA

Sim, o Padre Gabriel. Eu gostava muito dele menina. Mas foi-se embora logo depois do milagre acontecer. Pra onde, não sei.

MARIA

Sem explicação?

MARTA

Disseram-nos que ele teve um problema de saúde e teve que se ir tratar... Mas ele sempre me pareceu bem.

MARIA

Ok... Por acaso não tem nenhum contacto dele ou assim? Gostava de o entrevistar também.

MARTA

Não filha, não tenho. Mas o Padre Miguel deve ter.

MARIA

Esse é o novo padre?

MARTA

Novo como quem diz... já está connosco há quase 6 anos. Pode-lhe perguntar pelo contacto do Padre Gabriel. De certeza que lhe ajuda. Ah já agora... posso-lhe mostrar uma coisa?

MARIA

Claro.

Marta levanta-se. Vai até a uma divisão que Maria e Paulo não conseguem ver. Instantes depois Marta volta com um frasquinho de vidro com uma bebida semi-transparente.

MARIA

O que é?

MARTA

Esse frasco tem *coice de burro*... Mas não é um qualquer. É da noite em que o Milagre aconteceu.

Maria olha impressionada para o frasco. Subitamente uma ideia nasce no seu ser.

MARTA

Ah! Lembrei-me. Vou-lhe mostrar o que o meu filho me deu nos anos. Já venho.

Marta ausenta-se da divisão. Quando o faz, Maria tira da sua mala um frasco pequenino transparente de whisy. Inspira. Bebe tudo de uma só vez. Paulo fica horrorizado. Instantes depois acaba de beber e faz uma cara desagradável, como

(CONTINUED)

qualquer pessoa faria depois de beber uma grande quantidade de álcool pela manhã. Vira o recipiente para confirmar que está mesmo vazio. Depois retira a tampa do frasco e verte uma grande quantidade para dentro do recipiente.

PAULO

Que estás a fazer?

MARIA

Cala-te!

O frasco tem uma quantidade inferior ao que tinha. Apressadamente volta a colocar a tampa no frasco e ao seu recipiente e coloca-os na mesa e na sua mala, respetivamente. Logo a seguir, Marta chega com um boneco de peluche de Cristo nos seus braços. Maria faz um sorriso amarelo e tenta disfarçar o que acabou de fazer.

EXT. RUA - MANHÃ.

Maria e Paulo caminham apressados.

PAULO

O que é que foi aquilo?

MARIA

Aquilo foi um pequeno almoço à campeão. Impressionante né?

PAULO

Não, a coisa toda com o frasco...

MARIA

Ouve... Não achas curioso A) Uma junta de freguesia de uma vila decidir oferecer de borla a bebida tradicional no mesmo dia em que acontece o milagre que muda esta terra para sempre?

PAULO

Não...foi uma coincidência. A senhora disse que havia pessoas descontentes com o presidente... Secalhar foi a forma dele... não sei... compensar?

MARIA

São duas coincidências do caraças então. Não sei...

(CONTINUED)

PAULO

A mim não me parece estranho.

MARIA

E B) a cena do Padre que se foi embora logo a seguir ao milagre? Não achas isso estranho?

PAULO

Um pouco.

MARIA

Um pouco? Paulo, este padre tinha acabado de receber uma das maiores promoções de sempre... Ainda por cima de uma forma acidental... Ser padre numa vila que tem a atenção que Sangreal teve e ainda tem, é um jackpot. Quem é que recusa uma oportunidade destas?

PAULO

Secalhar não quis a responsabilidade.

MARIA

Oh Paulo... Sim, olha pra mim recebi a lotaria. Mas não quero o dinheiro ou a atenção que traz com ela portanto não obrigado, até à próxima...Por favor... Neste mundo muito pouca gente recusa dinheiro e poder.

PAULO

Não sei... que vais fazer com a bebida?

MARIA

Pedir um favor.

Maria retira do seu bolso um telemóvel. Marca um número e espera uns instantes.

MARIA

(ao telemóvel)

Olá ao meu 2º irmão preferido.

DAVID(O.S)

Considerando que sou o teu único irmão isso magoa. Como estás? Como está a correr essa visita?

MARIA

(ao telemóvel)

Está a correr bem... Olha preciso de um favorzinho teu. Estás com muito trabalho no laboratório?

DAVID(O.S)

Mais ou menos. Mas que precisas?

MARIA

(ao telemóvel)

Resumidamente: preciso que vejas se a bebida que eu te vou enviar é estranha.

DAVID(O.S)

Se é estranha?

MARIA

(ao telemóvel)

Sim se se... Se é estranha... Ouve não consigo explicar agora. Fazes-me isso? É urgente.

DAVID(O.S)

Sim... pode ainda demorar uns dias mas dou uma olhada. Mas vens a Lisboa de propósito dar-me isso?

MARIA

(ao telemóvel)

Não, não... Vou-te enviar por correio azul. Sempre é mais rápido. Vou meter a tua morada ok?

DAVID(O.S)

Okay... Força, manda. Quando é que voltas?

MARIA

(ao telemóvel)

Supostamente, daqui a uns dias mas vou ver se fico mais tempo.

DAVID(O.S)

Certo... mas está tudo bem?

MARIA

(ao telemóvel)

Está tudo ótimo. Faz-me só esse favor... Obrigada, és um amor de pessoa.

(CONTINUED)

DAVID(O.S)
Eu sei, eu sei. Tchau então. Mal
saiba os resultados dessa bebida
estranha, eu ligo-te.

MARIA
(ao telemóvel)
Xau, xau.

DAVID(O.S)
Fica bem. Beijinhos.

Maria desliga a chamada.

PAULO
Não estou a perceber onde-

MARIA
Paulo... Deixa-me trabalhar, okay?

PAULO
Okay... Onde vamos agora?

INT. IGREJA - TARDE.

Maria e Paulo entram na Igreja. Está cheia de turistas. E
contrariamente ao que estava antes, a igreja está em grande
parte renovada. Já nos podemos impressionar ainda mais pela
sua beleza. Maria e Paulo tentam desviar-se dos turistas.
Optam por um caminho grande à sua esquerda que atravessa uns
corredores. No fundo, tem uma espécie de secretária. Uma
senhora está do outro lado.

INT. RECEPÇÃO DA IGREJA - TARDE.

Maria e Paulo aguardam a sua vez. Estão numa fila que não é
muito extensa. Finalmente a sua vez chegou.

MARIA
Olá, bom dia.

SENHORA#1
Bom dia. Em que a posso ajudar?

MARIA
Ahm...eu precisava de falar com o
Padre Lucas.

SECRETÁRIA
Vai ser complicado, menina. O Padre
está a preparar a missa da tarde e
não costuma receber visitas assim.

(CONTINUED)

MARIA

Compreendo. Mas é urgente. Vou ser rápida. Por favor, preciso mesmo de falar com ele.

SECRETÁRIA

Menina, não sei...

MARIA

Olhe eu estou a trabalhar para uma revista e estou a escrever um artigo sobre a Vila. Só lhe preciso de fazer uma pergunta. Vou ser rápida. Prometo.

SECRETÁRIA

Como lhe disse, o Padre não gosta muito de receber visitas assim... Mas vou tentar. Um momento e já mando chamar alguém.

INT. CORREDORES DA IGREJA - TARDE.

São corredores grandes, dominados primariamente por trevas embora alguma luz ainda se faça sentir. Uma senhora acompanha Maria e Paulo até uma porta. Bate à porta.

VOZ (O.S)

Sim?

SENHORA

Boa tarde, sr. Padre. Tenho aqui alguém para falar consigo.

PADRE LUCAS

Não tenho nada marcado. E já lhe disse que não gosto de receber visitas a esta hora. Quem é?

SENHORA

É uma senhora que está a escrever um artigo sobre a nossa vila. Quer muito falar consigo.

PADRE LUCAS

Uma senhora? Pronto. Pronto... sendo assim mande-a entrar.

Maria faz uma expressão de nojo quando ouve as palavras do PADRE LUCAS. A porta abre-se e esta tenta conter o seu desgosto pela forma como o padre falou de si. Paulo entra também. Dentro vemos o PADRE LUCAS, um homem idoso, nos seus 70 anos. Tem os mais variados anéis nas mãos.

(CONTINUED)

MARIA

Peço desculpa por incomodá-lo,
Padre Lucas.

PADRE LUCAS

Não faz mal, menina.

PAULO

Boa tarde, senhor Padre.

PADRE LUCAS

Boa tarde, filho. Em que vos posso
ser útil?

MARIA

Sei que está a preparar a missa da
tarde, portanto vou ser breve: como
lhe disseram estou a escrever uma
peça sobre a cidade. E parte da
minha peça é comparar o que a
cidade é com o que ela foi.

PADRE LUCAS

Certo.

MARIA

Pronto, nesse sentido, soube que o
senhor é Padre aqui há uns 5 anos e
qualquer coisa certo?

PADRE LUCAS

Quase 6.

MARIA

Exato...eu estava à procura do seu
antecessor... O Padre que estava
aqui antes do Milagre... ter
acontecido. Tem alguma forma de o
contactar?

PADRE LUCAS

Porque é que precisa? Quaisquer
perguntas que tenha pode fazê-las a
mim.

MARIA

Sim claro, e irei fazê-las quando
tivermos um pouco mais tempo. Mas
queria mesmo ter a perspectiva de
alguém que esteve aqui antes da
vila ser... bem... antes de ser
Sangreal.

PADRE LUCAS

Olhe menina, peço desculpa mas não a posso ajudar. Não sei como o contactar.

MARIA

Mas sabe o que lhe aconteceu? Pelo que soube ele foi embora pouco tempo depois do Milagre.

PADRE LUCAS

Há pessoas que não lidam bem com a mudança. O padre Gabriel secalhar era assim. De qualquer forma, isso são assuntos que se quiser, tem que falar com o Bispo da região.

MARIA

Ok. Obrigada de qualquer das maneiras.

PADRE LUCAS

Não há problema minha filha. Então e que perguntas é que tens pra mim?

MARIA

Ahm... senhor Padre peço desculpa mas podemos adiar esta conversa? É que nós não almoçamos nada ainda e estou aqui quase a cair pro lado. E além do mais preferia que falássemos com mais tempo.

PADRE LUCAS

Bem... sendo que a Celebração está aí à porta vai ser complicado. Mas arranjo sempre uns 20 minutinhos pra ti, minha filha.

Maria só consegue pensar o quanto obnóxiu estava a ser o Padre. E a forma como disse aquela última frase, quase que vomitou dentro da sua boca. Na forma como ele age, na forma como fala, nas palavras que usa... Maria sentia-se desconfortável. Só queria sair dali o mais depressa possível.

MARIA

Obrigado pelo seu tempo, Padre Lucas. Depois marcamos com antecedência a nossa entrevista.

(CONTINUED)

PADRE LUCAS
Certíssimo. Vai com Deus, minha
filha. E tu também, meu filho.

Maria e Paulo levantam-se e saem.

EXT. LAGOA - FIM DE TARDE.

Uma lagoa tranquila é-nos apresentada. À volta, árvores altas rodeiam este lugar. Uma brisa atravessa as árvores. Está tudo em SILÊNCIO. Ao longe uma pequena passagem de madeira, numa das pontas do lago. Estão dois homens lá sentados. Um deles atira um anzol para longe e senta-se numa das suas cadeiras de plástico. Ao seu lado tem arcas congeladoras. No meio das pernas, canas de pesca.

Agora estamos mais perto. Vemos que os dois homens são Daniel e Emanuel. Estão ambos à espera de pescar qualquer coisa. Nota-se que estão relaxados.

DANIEL
Há algo melhor do que sair mais cedo do trabalho e vir relaxar pra aqui?

EMANUEL
Se há, não conheço.

DANIEL
Ainda por cima vamos ter uma semana agitada como o caraças.

EMANUEL
As celebrações são sempre assim. Mas este ano parece maior.

DANIEL
Já se venderam o dobro do número de bilhetes do ano passado.

EMANUEL
Oh... mas isso é porque este ano a gente esmerou-se no cartaz.

DANIEL
Eu esmerei-me.

EMANUEL
Nós.

DANIEL

Quem é que teve ideia de trazer bandas em condições este ano? Bem me parecia.

PAUSA.

DANIEL

Que é que foi isto?

EMANUEL

O quê?

DANIEL

Ouvi um barulho estranho.

Daniel levanta-se devagar. Vai à ponta deste passadiço de madeira. Abaixa-se. Olha atentamente para o lago. Emanuel está com medo. Nervoso. Daniel faz-lhe sinal para este se aproximar dele. Emanuel diz que não com a cabeça. Daniel volta a fazer sinal para se aproximar dele. Desta vez com uma expressão mais séria. O Vice-Presidente aproxima-se. Daniel aponta para algo no lago. Emanuel tenta esforçar-se para ver e--

Repentinamente, Daniel empurra-o para dentro de água. Ri-se às gargalhadas. Emanuel tenta subir a todos os custos para cima do passadiço. Tenta uma. Tenta duas. À terceira tem sucesso.

EMANUEL

Não tem piada.

DANIEL

Isso não é verdade.

Instantes depois vemos um vulto a aproximar-se deles os dois.

DANIEL

Finalmente se junta a nós! Estava a ver que nos ia deixar pendurados!

É o Padre Lucas.

PADRE LUCAS

Já apanharam alguma coisa?

DANIEL

Sim. Apanhei este robalo gigante.

Daniel aponta para Emanuel. Está irritado. Claramente não achou graça a esta partida. Daniel cumprimenta o Padre Lucas.

(CONTINUED)

DANIEL

Como é que está? Tudo bem?

PADRE LUCAS

Vai indo.

EMANUEL

Vai indo?

PADRE LUCAS

Sim. Agora, vai ficar melhor.
Estava a precisar de relaxar.

DANIEL

A quem o diz. Estávamos ainda agora
a falar da Celebração deste ano.
Temos mais pessoas que o ano
passado. Muito mais.

PADRE LUCAS

Isso deixa-me muito contente.

Emanuel levanta-se. Cumprimenta o Padre Lucas com um aperto de mão.

EMANUEL

A minha cunhada diz que já tem
todos os quartos reservados. Nem
quero imaginar como vão estar os
restaurantes nesses dias.

PADRE LUCAS

Está tudo a correr pelo melhor,
graças a Deus. Bem... vamos lá
meter-nos à obra.

O Padre atira o seu anzol. Vai para bem longe. Senta-se num banco que trouxe.

DANIEL

Quer uma cerveja sr.Padre?

PADRE LUCAS

Aceito, sim senhor. Obrigado.

Estão em SILÊNCIO. Admiram a beleza do lago. A calma.
Conseguem isolar-se da confusão.

PADRE LUCAS

É verdade, ia-lhe dizer,
sr.Presidente...

DANIEL

Sim, sr. Padre?

PADRE LUCAS

Hoje quando estava a preparar a missa da tarde, entrou uma jovem no meu gabinete e veja lá você... que me perguntou pelo Padre Gabriel!

DANIEL

(com uma expressão séria)
O quê?

PADRE LUCAS

É verdade.

DANIEL

Quem é que perguntou?

PADRE LUCAS

O nome não me recordo... mas sei que andava a escrever um artigo sobre a cidade. Tinha óculos, cabelo encaracolado... Estava um rapazito com ela.

DANIEL

Estranho... Houve uma rapariga que me entrevistou ontem que tinha esse aspeto. Era assim alta também?

PADRE LUCAS

Sim, sim.

DANIEL

Porque é que ela lhe perguntou sobre ele?

PADRE LUCAS

Queria contactá-lo.

EMANUEL

Como?

PADRE LUCAS

Não se preocupe. Eu não lhe disse nada. Disse que se ela quisesse mais informações tinha que ir falar com o bispo.

DANIEL

Mas porque caralh- perdão sr Padre, mas porque caneco queria ela falar com o Padre Gabriel?

(CONTINUED)

PADRE LUCAS

Ela disse que era para o
entrevistar.

DANIEL

Enfim... Não lhe disse nada pois
não?

PADRE LUCAS

Nada.

DANIEL

Então não há-de haver problema.
Aliás, o que é que alguém que
trabalha para uma revista
cor-de-rosa ia lhe perguntar? Qual
era a celebridade favorita dele?

Riem-se os 3. Voltam ao SILÊNCIO. Daniel está com uma
expressão séria. Pensativa.

EXT. RUA - NOITE.

Vemos um espaço enorme, repleto de luzes com rodas gigantes,
barracas com comida, montanhas russas, um palco enorme
e, acima de tudo, está repleto de gente. Multidões e
multidões. Assemelha-se a uma autêntica feira
popular. Vemos um cartaz gigante em formato de semicírculo
na entrada desta arena que diz o seguinte "Celebração do 6º
Aniversário do Aparecimento de Jesus Cristo".

Maria e Paulo tentam caminhar com alguma dificuldade devido
ao elevado número de pessoas que lá estão. Conversar vai ser
um desafio enorme devido ao barulho. Paulo come um algodão
doce gigante e Maria bebe cerveja num copo grande.

PAULO

Está tudo bem?

MARIA

O quê?

PAULO

Perguntei se estava tudo bem.

MARIA

Sim. Estou só a pensar.

PAULO

É que não tens dito grande coisa
nas últimas horas.

(CONTINUED)

Paulo e Maria chegam a uma barraca. Segundo o que o cartaz diz, se as pessoas deitarem abaixo os cálices todos com uma bola, recebem um prêmio. Maria e Paulo esperam a sua vez.

MARIA

Não tenho parado de pensar que há aqui coisas estranhas a acontecer.

PAULO

Como assim?

MARIA

Não tenho parado de pensar no Padre.

PAULO

Oh, deixa lá. Era um bocado estranho mas-

MARIA

(interrompendo)

Não nesse. Daquele que supostamente foi embora. Parece que ninguém quer que o encontremos. Eu tive essa impressão... E lembrei-me de uma coisa que podemos fazer amanhã.

PAULO

Não íamos que entrevistar o Vice-Presidente? E marcar uma entrevista com o Padre estranho?

MARIA

Não. Vamos aos arquivos da câmara.

PAULO

Fazer o quê?

MARIA

Confirmar suspeitas.

PAULO

E como é que vamos lá entrar?

MARIA

Seja uma junta de freguesia, seja uma câmara municipal, consegues ter acesso à forma como usam o dinheiro dos contribuintes. Se é publico, têm que apresentar publicamente relatórios de contas. Quando uma junta, decide remodelar uma sala de conferências por exemplo, consegues

(MORE)

(CONTINUED)

MARIA (cont'd)
ter acesso a quanto dinheiro foi
usado e que empresa é que foi
contratada para a obra.

PAULO
E o que é que estamos à procura?

MARIA
De alguma coisa invulgar. Seja o
que for. Especificamente, em termos
de quantidades e destino. Ou seja
quanto dinheiro foi gasto numa
determinada tarefa e para quem foi.
Despesas, resumidamente.

PAULO
Não vamos demorar imenso? É suposto
irmos embora depois de amanhã...

MARIA
Eu falo com o Isaac. Dou-lhe uma
desculpa qualquer e ele deixa-nos
ficar mais tempo.

PAULO
De certeza?

MARIA
Sim.

Chega a vez deles. Maria recebe uma bola. Prepara-se para
a atirar. Inspira. Suspira. E num movimento brusco mas
certo atira-a e deita abaixo todos copos, ganhando um
prémio. O empregado estica-se um pouco e dá-lhe um peluche de
1,50m de Jesus Cristo. Ela fica incomodada e dá o peluche a
Paulo que tenta num esforço máximo acabar o algodão doce e
segurar no peluche.

PAULO
E se não nos deixarem entrar?

MARIA
Ótimo. Quer dizer que estão a
esconder alguma coisa.

PAULO
Então mas vamos estar a ver onde
eles gastaram dinheiro durante
quanto tempo... Onde é que
começamos?

MARIA

Estava a pensar nisso. Eu posso ficar com o período pré-milagre. Tu ficas com o pós.

PAULO

Ok mas na-

Ouvimos umas colunas a funcionar. Pela voz percebe-se que é alguém que se prepara para falar. Maria olha para o palco e vê: é Daniel e Emanuel , recebidos por aplausos que duram imenso tempo. Estão a ser projetados em ecrãs gigantes que estão junto ao palco.

DANIEL

Obrigado, obrigado... Antes de mais...

Ainda mais aplausos. Estes continuam uns instantes até que Daniel decide falar.

DANIEL

Obrigado, obrigado... Como estava a dizer, antes de mais espero que se estejam a divertir. Fico muito contente em ver que ano após ano mais fiéis se juntam a nós para celebrar Cristo e os seus feitos... mostrando àqueles doutores da televisão que dizem que hoje em dia já ninguém é religioso!

As pessoas aplaudem fervorosamente.

DANIEL

Desde o dia em que vimos Cristo na nossa montanha, sabia que a nossa vida não ia ser igual. Que esta vila não seria igual. E que o mundo católico também não seria igual. E para mim... é um honra ser vosso presidente. Estes últimos anos foram os melhores da minha vida. E tudo graças a vocês!

Mais aplausos.

DANIEL

Portanto só vos peço: divirtam-se, rezem e acima de tudo... celebrem Cristooooooooooooooooo!

Mal acaba de falar um número impressionante de foguetes é disparado. Nas mais variadas cores, iluminam toda a superfície. Pela quantidade de luz e barulho emitida parece que a cada segundo rebentam 10 estrelas. Maria olha para os foguetes. Está incomodada. Mas acima de tudo: está decidida.

INT. ARQUIVOS DA JUNTA - MANHÃ.

Vemos uma divisão repleta de papéis até ao teto. Só de olhar dá-nos uma sensação de claustrofobia. A luz é fraca. O espaço é pouco. Maria, Paulo e mais uma senhora entram nesta divisão.

SENHORA #2

E ora aqui está. Como vos disse, a junta de freguesia de Sangreal orgulha-se da sua transparência. Como tal, podem consultar o que quiserem ou necessitarem. Se tiverem dúvidas, não hesitem em chamar.

MARIA

Obrigada.

SENHORA #2

Ora essa. Com licença.

A senhora sai e fecha a porta. Maria e Paulo nem acreditam no quão desorganizada está a sala. E na quantidade de papéis, pastas e documentos que lá estão.

MARIA

Putá que pariu...Vai ser divertido né Paulito?

Paulo sorri.

A seguir vemos uma montagem de Maria e Paulo a tentarem caminhar naquela sala. A ler pastas. A ler documentos. O tempo vai passando. Até que se vão embora.

INT. ARQUIVOS DA JUNTA - MANHÃ.

É mais um dia. Maria e Paulo voltam a fazer o mesmo. Mais uma montagem se segue. Procuram e procuram mas nada. Maria atira uma pasta à cabeça de Paulo enquanto se ri. Paulo ri-se de volta. Vasculham a sala. Estão extremamente aborrecidos a ler papéis atrás de papéis atrás de papéis. Mas mais importante: nada incriminatório encontraram hoje.

INT. ARQUIVOS DA JUNTA - MANHÃ.

Mais um dia. Maria e Paulo estão exaustos.

MARIA

Vou-te dizer uma coisa: se eu quisesse esconder alguma coisa mas não quisesse que se levantassem suspeitas era isto que fazia.

PAULO

O quê?

MARIA

Dizia que "blah blah transparência blah blah" e depois tinha os meus arquivos todos desarrumados para as pessoas terem um colapso nervoso e desistirem de procurar o que queriam.

PAULO

É uma boa estratégia. Posso... dizer uma coisa, Maria?

MARIA

Já vamos almoçar, espera um bocadinho, ok?

PAULO

Não é isso... De certeza que estamos no caminho correto? Se não encontrámos nada até agora..

MARIA

Temos que continuar.

PAULO

Ok...

Maria suspira. De repente o telemóvel toca. Maria olha para o número. Suspira. Fica nervosa. Faz um sorriso amarelo para Paulo.

MARIA

Dá-me só um bocadito, Paulito... Venho já.

PAULO

Sem problema.

INT. ENTRADA PARA OS ARQUIVOS DA JUNTA - FIM DA MANHÃ.

Maria fecha a porta e afasta-se um pouco. Atende o telemóvel.

MARIA
(ao telemóvel)
Sim?

ISAAC(O.S)
Estás a gozar comigo Maria?

MARIA
(ao telemóvel)
Então, chefe... tudo bem?

ISAAC(O.S)
Tudo bem? Onde é que está o raio do artigo que eu te pedi?

MARIA
(ao telemóvel)
Está a ir, chefe. Eu disse-lhe que precisava de mais temp-

ISAAC(O.S)
(interrompendo)
Ouve lá... tu não estás a escrever um artigo pro New York Times. Estás a trabalhar para um caralho de uma revista cor-de-rosa. Era algo simples. Ir aí, falar com o presidente, falar com o padre, falar com 1 ou 2 pessoas, ver a festa de abertura e pronto. Já devias estar aqui!

MARIA
(ao telemóvel)
Eu entendo, mas a quest-

ISAAC(O.S)
(interrompendo)
Deixa-me ser direto. Para ver se essa tua cabeça dura entende. Se tu e esse estagiário não estiverem aqui até às 19h de hoje, podem considerar-se despedidos.

Desliga a chamada. Maria inspira. Coloca o telemóvel na sua face. Está pensativa. Mas não indecisa. Sabe o que fazer. Volta a entrar nos arquivos.

INT. ARQUIVOS DA JUNTA - FIM DA MANHÃ.

Maria entra e com algum custo devido à desarrumação volta a estar no sítio de onde tinha saído. Está calada. Paulo estranha.

PAULO

Está tudo bem?

MARIA

Está tudo ótimo... Era a minha mãe. Estava a perguntar-me quando é que voltava para casa para lhe dar as lembranças que comprei... Vamos continuar. Se vires alguma coisa interessante, apita.

Paulo acena com a cabeça. E continuam a procurar.

EXT. CEMITÉRIO - TARDE.

Ao contrário da comoção toda que temos visto, há um número muito reduzido de pessoas que vieram prestar os seus respetos neste cemitério. Ao longe, vemos Daniel. Está sozinho. Vê-se que está a limpar uma campa. Ao contrário de muitas outras que aqui estão, esta campa está muito bem trabalhada. Vê-se que a mão-de-obra foi exigente. Tem uma fotografia da falecida, juntamente com um busto incrivelmente detalhado da face dela. Daniel, com um balde, limpa a campa ao entornar água. Coloca um grande número de flores, nos vários jarros que tem. E acende com um isqueiro as velas que comprou.

Está sem óculos. Está em silêncio. Nota-se que está vulnerável. Deve ser das poucas vezes que o vemos assim. Os olhos estão um pouco vermelhos. Está a conter as lágrimas.

PAUSA.

VOZ(O.S)

Uau. Ficou muito bonita, realmente.

Daniel olha surpreendido e vê que é Emanuel. Fica com uma expressão furiosa.

DANIEL

Que é que foi? Que estás aqui a fazer?

EMANUEL

Desculpe. Precisava de falar consigo. Não estava no seu gabinete

(MORE)

(CONTINUED)

EMANUEL (cont'd)
e já que não tem reuniões hoje
pensei que aqui estivesse.

DANIEL
Seja o que for, não podia esperar?

EMANUEL
Bem-

DANIEL
(interrompendo)
Podia ou não podia?

EMANUEL
Mais ou menos.

DANIEL
Raios o partam. Bem, já que aqui
está, deite cá pra fora. Quem é que
morreu?

EMANUEL
Que eu saiba ninguém... mas o
assunto pode ser...delicado.

DANIEL
Emanuel. Olha-me nos olhos.

Emanuel cumpre o pedido.

DANIEL
Se não me disseres o que é que
queres dentro de 5 segundos, juro
pela minha falecida esposa que,
abro uma campa e atiro-te lá pra
dentro. Fale, caralho! Até já me
meteu a dizer asneiras aqui.

EMANUEL
Portanto... foi-me informado assim
muito casualmente e sem grande
alarido que duas pessoas têm ido
aos arquivos da junta. E têm
consultado especialmente a parte
financeira. Pelo que me disseram
passaram os últimos 3 dias lá
enfiados à procura de sabe-se lá o
quê.

DANIEL
(suspira)
E que é que tem? Não temos lá nada
de mal. Qualquer pessoa pode
(MORE)

(CONTINUED)

DANIEL (cont'd)
consultar aquilo. Boa sorte a
encontrar seja o que for.. Quem são
estas duas pessoas?

EMANUEL
Aquela rapariga que o entrevistou.
A da revista. E o assistente dela.

DANIEL
Mas ela ainda cá anda?

EMANUEL
Pelos vistos.

DANIEL
O que é que estão à espera de
encontrar?

EMANUEL
Um lapso qualquer. Qualquer coisa
que nos incrimine, aposto.

DANIEL
Mas nada disso está nos arquivos...
Certo?

EMANUEL
Pois...

DANIEL
Emanuel... ficaste encarregado de
limpar rastros... E fizeste isso em
condições... certo?

EMANUEL
A questão é-

Daniel lança-se a Emanuel agarrando-lhe pelos colarinhos e
parte quase instantaneamente para a garganta. Está a
sufocá-lo.

DANIEL
(enraivecido)
O que é que você fez?

Emanuel diz algo, mas é incompreensível. Daniel larga-o
atirando-o para o chão. Este tenta recompor-se. Recupera o
ar enquanto Daniel ajusta o seu fato e o seu carapinho.

EMANUEL
(num tom de voz baixo)
Eu... lembra-se...

DANIEL

Fale!

EMANUEL

Portanto... eu eliminei os rastros.
Tudo no que gastámos no Milagre...
Está tudo coberto.

DANIEL

Porque é que eu acho que vou ouvir
um mas?

EMANUEL

Mas... eu não destruí as
provas. Guardei-as na minha
garagem...

DANIEL

Mas porque caralho fizeste isso?

EMANUEL

Bem... destruir provas assim. Nunca
se sabe se pode dar jeito a uma
pessoa... não é?

Daniel pára de falar. Teve uma realização. E não foi agradável.

DANIEL

Seu cabrão... Guardaste tudo caso
fôssemos apanhados... Caso tu
fosses... E depois... usavas isso
para me foderes e salvares a tua
pele!

Daniel dá um pontapé em Emanuel. E outro. E outro.

EMANUEL

Calma...calma... Deixe-me...

Daniel está furioso. Pára de pontapear Emanuel. Parece um animal selvagem. Está com um olhar de meter medo. Vemos todas as suas veias na face e no pescoço quase a rebentar.

EMANUEL

O problema...

DANIEL

Como assim? Ainda não acabou?

EMANUEL

Deixe-me falar até ao fim. Por
favor... Então... O problema é que

(MORE)

(CONTINUED)

EMANUEL (cont'd)
há 6 meses atrás fiz obras na minha casa. E como tinha medo que encontrassem os documentos... decidi escondê-los nos arquivos. Aquilo está uma confusão e está... quem é que ia dar por uns papéis a mais?

DANIEL
Não...

EMANUEL
As obras acabaram há uns 3 meses... e eu esqueci-me completamente de os lá ir buscar.

DANIEL
Esqueces-te... de ir buscar os únicos documentos que nos podem mandar para a prisão? Ainda por cima escondeste-os no único sitio onde podem ser encontrados? Estás bem? A tua mãe deixou-te cair à nascença, seu ignorante de merda? Nunca ouviste a expressão, nunca cagues onde comes?

EMANUEL
Eu pensava... que você tinha feito o mesmo... Que tinha guardado alguma coisa para incriminar.

DANIEL
Não... Não... Não tenho, porque sei lá, não sei, confiava no meu braço direito... E aliás era estúpido guardar coisas que me incriminariam não é?

Daniel coloca as mãos à cabeça... Nem acredita no que ouviu.

EMANUEL
Mas eu posso arranjar isto!

DANIEL
Como, seu monte de esterco?

EMANUEL
Então... nós não sabemos o que é que eles já viram ou não... E proibi-los de irem aos arquivos agora é muito suspeito. Portanto, a minha ideia é... assustá-los.

DANIEL

Assustá-los? O quê, escondemo-nos atrás de uma cortina e quando eles estiverem a dormir gritamos-lhes aos ouvidos?

EMANUEL

Não exatamente... Eu conheço uns gajos. São dois russos, pelo que ouvi dizer. Ajudaram o meu primo numa situação complicada.

DANIEL

E?

EMANUEL

E... pagamos-lhes.

Daniel olha para Emanuel furioso.

EMANUEL

Quer dizer... eu pago. Já me pagou o jantar no outro dia... E dizemos para eles os assustarem. Intimidá-los. Algo... subtil.

DANIEL

Queres espancá-los é?

EMANUEL

Não, não.... Sem violência.

DANIEL

Bem... não temos outra opção. Não sabemos o que é que os pirralhos descobriram.

EMANUEL

Exato. Eu arranjo o contacto deles. E depois vamos ter com eles num local à escolha de-

DANIEL

Espera, espera, espera... Vamos? Porque é que eu tenho de ir? Foste tu que fizeste merda.

EMANUEL

Bem, tecnicamente estamos os dois metidos nisto. Quer dizer... nós, os vereadores, o padre Lucas e mais uma carrada de gente... Mas sinceramente... eu tenho medo de ir

(MORE)

(CONTINUED)

EMANUEL (cont'd)
sozinho. E quanto menos pessoas
souberem disto melhor.

Daniel respira. Tenta acalmar-se.

DANIEL
Estás à espera do quê?

Emanuel acena com a cabeça. Levanta-se e vai embora. Daniel olha para o céu. Só consegue pensar que há uns minutos tudo parecia perfeito. Nem tudo. Mas quase. Olha para a campa da sua falecida esposa e vê que as flores que colocou na campa dela estavam em chamas, chamas estas que já estavam a tornar-se consideráveis.

DANIEL
Foda-se, foda-se, foda-se!

Corre, atira as flores para o chão e calca-as repetidamente. O fogo apaga-se. Daniel olha confuso a tentar perceber como é que o fogo nasceu. E de onde.

EXT. FLORESTA - NOITE.

Escura, aterradora, SILENCIOSA, nenhuma pessoa sã viria a esta floresta depois do sol se pôr. Mas não estamos a lidar com pessoas assim. Umaz luzes pertencentes a uns faróis de um carro iluminam a escuridão. Páram numa espécie de falésia. Ao longe, vemos apenas mais árvores. Desligam o carro e as luzes.

INT. CARRO DE EMANUEL - NOITE.

EMANUEL
Chegámos.

DANIEL
Tens a certeza que é aqui?

EMANUEL
Foram essas indicações que me foram dadas.

DANIEL
Por isso é que perguntei se tinhas feito merda... Tinha mesmo que ser numa puta de uma floresta? Porque não numa casa de chá? Ou num salão de massagens?

(CONTINUED)

EMANUEL

Que é que tem?

DANIEL

Não sei, hoje não estava à espera de morrer num sítio em que só descobririam o meu cadáver daqui a 15 anos. Mas também não esperei possivelmente ir preso porque o meu braço direito decidiu guardar documentos incriminatórios que podem ser usados contra mim! Contra nós?!

EMANUEL

Quantas vezes tenho de pedir desculpa?

DANIEL

Ao menos se te assassinar aqui, tenho muitas sítios onde esconder o corpo... Já agora: quem são estes gajos que vamos encontrar?

EMANUEL

Supostamente diz-se que são ex-membros do KGB. São gajos perigosos. E não aceitam qualquer trabalho.

DANIEL

Uau, boa combinação: perigosos e picuinhas. Como é que se chamam?

EMANUEL

Eles têm alcunhas: Prego e Martelo.

DANIEL

A sério? Prego e Martelo? Parece o nome de personagens num programa infantil.

EMANUEL

Os nomes verdadeiros deles são: Ivan e Dimitri.

DANIEL

Claro que tinha que ser Dimitri. E demoram muito?

EMANUEL

Não faço ideia.

EXT. FLORESTA - NOITE.

O tempo passa. E passa. E passa. Emanuel já adormeceu. Daniel bem tenta, mas não consegue. Mete-lhe medo. Não a floresta. Mas a situação onde se encontra. Vemos umas luzes a banharem as suas faces, também de um automóvel. Daniel dá uma cotovelada a Emanuel que o faz acordar sobressaltado. O carro pára. De dentro saem duas figuras gigantescas. Tão grandes que tapam a luz do carro de onde vieram. Emanuel estica-se para agarrar uma mala preta que tem no banco de trás. Quando a agarra sai do carro juntamente com Daniel.

Amedrontados, aproximam-se destes dois gigantes, IVAN e DIMITRI. Dimitri é careca, Ivan tem cabelo curto. No entanto, as diferenças acabam aí. Ambos são muito musculados e muito altos. Estão ambos na casa dos 30. Autênticos titãs. Ao chegarem à beira deles, Emanuel e Daniel fazem um sorriso amarelo para tentar disfarçar que estão prestes a ter que mudar de roupa interior.

EMANUEL

Privyet!

Ivan e Dimitri olham um para o outro sem dizer nada.

EMANUEL

Ora bem, aqui está o dinheiro adiantado. O resto só é vos entregue depois do serviço.

Emanuel entrega a mala a Dimitri. Ambos agarram nela. Abrem a mala e os dois confirmam a quantia. Voltam a olhar um para o outro. Fecham a mala e acenam. Ivan segura a mala na sua mão esquerda.

EMANUEL

Portanto, o serviço é este: há aí uma mulher, jornalista... Quer dizer trabalha numa revista cor-de-rosa. Enfim ela e o assistente estão a ficar no Hotel Cristo Salvador. O que vocês têm que fazer é...

Ivan retira um cigarro e coloca-o na boca. Instantes depois retira uma pistola. Daniel e Emanuel ficam em pânico. Qualquer pessoa fugiria. Gritava. Eles ficaram congelados. Sem se mexer. Com os olhos esbugalhados. Ivan aproxima a pistola da boca. Carrega no gatilho--

(CONTINUED)

E sai da pistola...fogo. Na verdade a pistola era um isqueiro. Ivan acende o cigarro. Daniel e Emanuel suspiram de alívio. Emanuel está zozzo. Recua uns passos e vomita agressivamente. Nada deve ter ficado no estômago. Ivan e Dimitri cruzam olhares uma vez mais.

DANIEL

Continuando... ela chama-se Maria dos Santos. O assistente dela é Paulo... qualquer coisa. Ele está sempre com ela. A ideia é vocês pregarem-lhe um susto. Só isso. Precisamos que ela abandone a vila. E que não fale do que pode ou não ter encontrado. Passem uma mensagem.

Dimitri aproxima-se de Daniel. Olha-o nos olhos. Sem qualquer aviso solta um espirro muito barulhento.

DANIEL

Santinho.

DIMITRI

Obrigado, chefe. Arranja-me um lençinho para limpar o nariz?

Daniel fica de boca aberta. Não só estes famosos russos, falam português, como falam-no perfeitamente e com sotaque tipicamente português. Se tivéssemos que o localizar provavelmente seria algures no interior.

DANIEL

Espera... vocês...

IVAN

Carambas, meu! Já te disse para estares calado senão a cena desfaz-se toda.

DIMITRI

Epá, desculpa, mas tou a precisar. Não gosto de fazer negócios com ranhoca no meu narizinho.

Emanuel volta para junto deles. Também ele não acredita no que ouviu.

DANIEL

(suspiros)

Deixem-me adivinhar... vocês não são russos. Não são ex-agentes do KGB. E também não se chamam Ivan e

(MORE)

(CONTINUED)

DANIEL (cont'd)

Dimitri. E as "alcunhas"? Foram
vocês que as inventaram?

DIMITRI

Mas são boazinhas, não são? Olha,
não me arranjam mesmo um lençinho?

Emanuel retira do bolsos um pacote de lenços que entrega a
Dimitri.

DIMITRI

Obrigados.

Este assoa-se. Faz muito barulho. Parece um motor de um
carro a arrancar.

DIMITRI

Já foi!

DANIEL

Então? Quem é que vocês são,
caralho?

IVAN

Bem, já que fomos descobertos... O
meu nome é Toni. Este é o Jaquim.

JAQUIM

Sou eu, sou!

DANIEL

Então e Ivan e Dimitri são o quê?

TONI

Nomes artísticos. Ou é só os
artistas é que os podem usar?

DANIEL

(suspira)

Ok... Mas vão fazer o que foi
pedido? Vão "pregar um susto" à
Maria dos Santos?

JAQUIM

Sem problemas! A gente percebeu o
que quisestes dizer!

TONI

Sim... a gente percebeu. É pra ela
dormir com os peixinhos, né?

(CONTINUED)

DANIEL

O quê? Não. Não! O oposto disso. É só um susto. Sem violência. Perceberam? Nada de porrada. Uma coisa subtil. Que ela perceba a mensagem de que não se deve meter onde não é chamada.

TONI

Hmmmm.

DANIEL

Mais uma vez: um susto. É isso. Entendido?

JAQUIM

Na boa! Tens aí uma fotozinha dela pra gente se orientar melhor?

EMANUEL

Sim, sim... dê-me só um bocado.

Emanuel procura nos bolsos. Encontra a fotografia. Entrega a Jaquim.

JAQUIM

É girita, a gaja!

TONI

Deixa ver! Eia, é sim senhor! Bem-

DANIEL

(interrompendo)

Estamos entendidos ou não?

TONI

Estamos sim. A gente percebeu o que é pra fazer. Daqui a dois dias, isto já está resolvido. Depois entramos em contacto pra nos darem o resto do dinheiro.

DANIEL

Uau. Amanhã isto já está resolvido?

JAQUIM

Ouçã lá: você está a lidar com prós. Percebe? Sabe o que isso é? Nós somos p-r-o-f-e-s-s-o-r-e-s.

DANIEL

(confuso)

Professores?

(CONTINUED)

Jaquim olha para Toni.

JAQUIM
Enganei-me:
p-r-o-f-i-s-s-i-o-n-a-i-s.

DANIEL
Ah, profissionais. De grámatca
não. Claramente.

TONI
E subtil? É o nosso nome do meio.

JAQUIM
Não, não é. É-

TONI
Jaquim. Jaquim. É uma expressão.

JAQUIM
Ok.

TONI
Até amanhã, chefe.

Caminham de volta para o carro. Entram e vão-se embora.

EMANUEL
Uau.

DANIEL
A sério? Russos do KGB? A sério?

EMANUEL
Pareciam, pelo menos.

DANIEL
Espero que isto resulte. Senão-

Daniel levanta a sua mão direita ligeiramente como que em gesto para dar um high-five estranho. Quando Emanuel faz isto, a mão esquerda de Daniel dá um estalo em cheio na sua cara.

DANIEL
Estás fodido.

Caminha em direção ao carro. Emanuel esfrega a cara queixando-se da dor.

INT. SALA DE REFEIÇÕES DO HOTEL - MANHÃ.

Vemos um prato delicioso. Está recheado: ovos, bacon, dois croissants pequeninos, juntamente com uma fatia de queijo e outra de fiambre. Um garfo mergulha nos ovos levando-os à boca - é Maria- que come os ovos com um olhar de satisfação tremendo.

MARIA

Meu Deus. Nunca me vou fartar de pequenos-almoços em hotéis.

PAULO

São muito bons. Habitua-me a isto.

Paulo come um bolo de chocolate com um creme delicioso por cima. E no topo desta fatia, uma cereja. Literalmente.

MARIA

Não sei como é que consegues comer bolo de chocolate logo pela manhã.

PAULO

Que é que tem?

MARIA

É muito enjoativo.

PAULO

É nada!

MARIA

Eu acho.

PAULO

Eu gosto.

MARIA

Ainda bem. Que te saiba ainda melhor.

PAUSA.

PAULO

Hoje é outra vez para os arquivos não é?

MARIA

Sim. Desculpa. Deve estar a apanhar uma seca enorme.

(CONTINUED)

PAULO

Não há problema... Há quantos dias é que já estamos a ir lá mesmo?

MARIA

Diria que... contando com hoje vai ser a 5ª vez.

PAULO

Uau... Os dias têm passado a correr. De certeza que o chefe está okay com tudo isto?

MARIA

Está a 100%.

PAULO

Okay... Queres provar o bolo?

MARIA

(suspira)

Não, obrigada... Ouve... eu tive a pensar e... fazemos assim. Se hoje não encontrarmos nada, prometo, prometo, pela minha mãe, que vamos embora amanhã. E eu admito que fui sei lá... eu a ser paranoica. Falta só o alumínio na cabeça.

PAULO

Não. Há realmente coisas estranhas neste lugar. Mas em que sitio não os há?

MARIA

Verdade. Obrigada Paulito.

Maria suspira. E pensa só na desculpa que vai dar ao seu chefe para no mínimo não culpar Paulo pelos seus erros e só o despedir a ela. Na verdade até era um alívio para si ser despedida. Só não queria que o seu fiel assistente nesta jornada bizarra pagasse caro caso estivesse errada. E se calhar até estava. Achava ela.

MARIA

Bem... vamos lá? Já devíamos estar a caminho.

PAULO

Sim, quando quiseres, Maria.

EXT. PARQUE DE ESTACIONAMENTO - MANHÃ.

Maria e Paulo caminham em direção ao seu carro. Está um dia bonito. Ao se aproximar do carro Maria apercebe-se que lhe falta algo.

MARIA

Foda-se.

PAULO

Que foi?

MARIA

Esqueci-me do telemóvel. Ah, que se foda. Já estamos atrasados.

PAULO

De certeza? E se o chefe ligar?

MARIA

(suspira)

Pois... tens razão. Se calhar vou buscá-lo.

Maria atira as chaves para Paulo, que as apanha na perfeição.

MARIA

Vai ligando o carro. Apanha-me ali à entrada do hotel que assim é só pegar e andar.

PAULO

Okay, Maria. Até já.

Maria acena com a cabeça. Vai andado na direção oposta de Paulo que se aproxima cada vez mais do carro. Maria volta a ver se não tem nada nos bolsos. Procura na mala. E quem diria, quem diria... Encontrou o telemóvel.

MARIA

Epá... cabeça no ar.

Vemos Paulo ao longe a entrar no carro. Maria caminha em direção ao carro. Começa a caminhar mais depressa em direção ao carro. Começa a correr ligeiramente. Faz um sinal a Paulo que parece não se aperceber. Quando Maria já está a relativamente pouca distância--

O carro explode.

Assim. Inesperadamente. Sem-aviso. Nada.

(CONTINUED)

Com o susto, Maria cai ao chão. O carro arde incessantemente. As chamas são grandes. Muito. Maria está completamente horrorizada. Não queria acreditar. Mas sabia. Lá no fundo. No âmago do seu ser, sabia. Paulo estava morto. Parece escusado dizer, mas é necessário. Há momentos em que o cérebro humano não consegue processar aquilo que é obvio. Ou lógico. Esta era uma dessas alturas.

Maria levanta-se e tenta correr. Pára. Colapsa no chão com lágrimas a escorrer pela cara. Todo o seu corpo treme. Levanta apenas a parte superior do seu corpo. As pernas ficam no chão. Como se recusassem a andar. E observa. O fogo a consumir o carro tornando-se difícil já distinguir alguma estrutura de metal que ali existisse. Só se vê as chamas. E um pensamento volta a preenchê-la. E outra vez. E outra vez. E outra vez.

Paulo está morto.

ECRÃ NEGRO.

INT. ESTAÇÃO DE TELEVISÃO - TARDE.

Num estúdio de televisão, vemos a PIVOT, uma mulher na casa dos 30, a preparar-se para iniciar o jornal.

PIVOT

Boa tarde, chega-nos uma notícia de última hora: esta manhã, por volta das 8h30 um carro explodiu em Sangreal, colhendo a vida de uma pessoa. Para mais informações vamos contactar em direto a nossa repórter no local.

Vemos uma REPÓRTER também na casa dos 30 com um microfone. Atrás de si, temos o parque onde tudo aconteceu.

PIVOT

Boa tarde, que mais nos podes dizer sobre este acontecimento trágico?

REPORTER

Boa tarde... Aquilo que posso adiantar é que a Polícia Judiciária já chegou ao local. As razões pelas quais o carro efetivamente explodiu ainda não são certas, mas a PJ exclui qualquer ato terrorista. Sabemos que a vítima era um jovem de 22 anos, chamado Paulo Silva. Era estagiário na revista

(MORE)

(CONTINUED)

REPORTER (cont'd)
cor-de-rosa Raquel e estava na cidade acompanhada por uma colega de trabalho, Maria dos Santos que assistiu a tudo e não prestou qualquer declaração, estando bastante abalada pelo sucedido. Foi-lhe dado apoio médico e psicológico tendo sido posteriormente levada pela PJ para interrogação. Posso adiantar ainda que o Presidente de Sangreal já emitiu um comunicado a dar os pêsames à família do jovem, oferecendo-se para pagar o funeral e pede às autoridades competentes para investigarem com diligência este acidente trágico que ocorre na semana da celebração do aparecimento de Cristo, abalando a cida-

ECRÃ NEGRO.

INT. SALA DE INTERROGAÇÃO - NOITE.

Maria está com um olhar vazio. Ao seu lado está uma agente da PJ, SARA, na casa dos 40, que a observa. Fala e fala mas não conseguimos ouvir o que ela diz.

SARA
Maria? Maria?

Direciona o seu olhar para Sara. Não tinha ouvido nem uma palavra.

SARA
Sabemos que é difícil... Mas qualquer detalhe extra que se lembre pode-nos ajudar na investigação.

MARIA
Já vos disse tudo o que sabia... Há quanto tempo é que estou aqui?

SARA
Entendo que os últimos dois dias têm sido exaustivos... Principalmente o de ontem. Mas tente se lembrar de alguma coisa de

(MORE)

(CONTINUED)

SARA (cont'd)
ontem, do dia anterior, qualquer
coisa que nos ajude mais...

MARIA
Fui eu que lhe dei as chaves. Podia
ter sido eu. Devia ter sido...

Sara agarra as mãos de Maria enquanto esta tenta conter as
lágrimas. Estão em silêncio. Maria larga a mão da inspetora
enquanto tenta recompor-se.

MARIA
Isto não é coincidência... Foi de
propósito. Só pode.

SARA
De momento ainda temos alguns
peritos em volta do carro... Mas
pode-

MARIA
(interrompendo)
Acha que não? Que quê... Foi uma
avaria?

SARA
Só estou a dizer que não devemos
precipitar-nos para conclusões que-

MARIA
(interrompendo)
Oh, por amor de Deus... qual foi a
última vez que o seu carro teve uma
avaria e explodiu? Diga-me.

Com bastante força, Maria bate na mesa. O barulho ecoa pela
divisão toda.

MARIA
(gritando)
Diga-me!

Sara escreve algo numa folha de um caderno que tem à sua
frente. Rasga-o num pequeno pedaço de papel e fecha-o
Suspira. Olha para Maria.

SARA
Acho que já acabámos por hoje. É
melhor ir descansar, Maria. Se
quiser levamo-la ao seu hot-

MARIA
(interrompendo)
Não! Não. Eu... oriento-me. Tenho
que respirar.

SARA
De certeza?

MARIA
Já falei.

SARA
Okay, pronto. Se se lembrar de mais
algum detalhe ou se precisar de
alguma coisa, tem aqui o meu
número. Pode-me ligar a qualquer
altura. Nós vamos mantendo-a a par
do caso.

Maria acena com a cabeça. Guarda o papel no bolso. Sara
abre-lhe a porta e Maria sai da sala.

INT. CORREDOR - NOITE.

Maria sai da sala. Aproxima-se de Sara.

MARIA
Inspetora... iste teve mão
criminoso. Eu sei. Tenho a certeza.

SARA
Isso são acusações bem graves. Tem
algum nome que lhe vem à cabeça?
Algum tipo de provas?

Maria fica em silêncio.

MARIA
Não. Ainda... não.

Maria dirige-se para a saída. Sara vê Maria a ir-se embora.
Está pensativa. Instantes depois um colega seu junta-se a
ela.

AGENTE DA PJ
Então o que te parece?

SARA
(suspirando)
22 anos.

(CONTINUED)

AGENTE DA PJ

Quê?

SARA

O miúdo. Tinha a vida toda à frente.

AGENTE DA PJ

Pois...

SARA

Nem imagino como estarão os pais. Diz ao pessoal para se despachar com os relatórios o mais depressa possível... Mas desculpa o que é que perguntaste?

AGENTE DA PJ

O que é que achas? Disto tudo?

SARA

Acho que... alguma coisa cheira mal aqui. Muito. Muito. Mal.

O Agente da PJ olha para a sola do seu sapato direito. Depois olha para a sua sola esquerda. Fica enojado. Sara olha para a sola do agente e faz o mesmo.

AGENTE DA PJ

Tens um lenço?

EXT. RUA - NOITE.

Maria caminha sozinha pelas ruas de Sangreal. Mal se aguenta em pé. Os seus olhos estão muito vermelhos. Não consegue deixar de reviver na sua cabeça o momento em que entregou as chaves a Paulo. Revive esse momento uma vez e outra e outra e outra. Caminha bastante até que entra num bar. Parece rasca... Tem um sinal à entrada que diz *Noite de Karaoke*. Decide entrar.

INT. BAR - NOITE.

O bar é exatamente o que parecia. Velho, com algumas pessoas de todos os tipos e feitios. Se bem que parecia ser mais um refúgio. Para todos eles. Ao fundo do bar há um pequeno palco, onde ouvimos alguém a cantar karaoke. A musica não se percebe bem qual é. Maria senta-se. Faz um sinal ao BARMAN.

(CONTINUED)

BARMAN

Que é que vai ser?

MARIA

Traga-me aguardente. Duas.

O barman acena com a cabeça. Instantes depois chegam dois copos que Maria bebe quase instantaneamente. Faz-lhe um sinal para trazer mais dois. E assim que chegam, bebe-os. E bebe mais dois. E mais dois. E mais dois. A pessoa que estava a cantar pára. Finalmente

VOZ(O.S)

Alguem quer subir a palco?

Maria levanta o braço. Com muita dificuldade a caminhar, lá sobe a palco. Ouvem-se uma PALMAS ligeiras.

HOMEM

Ora boa noite menina! Como é que se chama?

MARIA

Lambe-me o cu okay? É um nome francês.

Maria empurra o homem e rouba o microfone. Vai até à máquina e escolhe uma música. Prepara-se. Está tudo em silêncio.

COMEÇO DE MÚSICA: BONEY M- RASPUTIN

A música começa. Instantes depois uma luz ilumina Maria. Maria começa a dançar. Ouvimos umas vozes.

VOZES

(a cantar)

*Hey, hey, hey, hey, hey, hey, hey,
hey Hey, hey, hey, hey, hey, hey, hey,
hey, hey Hey, hey, hey, hey, hey,
hey, hey, hey*

Maria salta de um lado para o outro. Como se estivesse a pedir motivação ao pessoal do bar. Maria agarra o microfone do bar como se estivesse a dar um concerto para milhares de pessoas.

MARIA

(a cantar)

*There lived a certain man in Russia
long ago, He was big and strong, in
his eyes a flaming glow, Most
people looked at him with terror
and with fear, But to Moscow chicks
he was such a lovely dear(...)*

(CONTINUED)

Maria desfaz-se do microfone. Começa a caminhar em cima de umas mesas que estão a ser postas à sua frente à medida que caminha. Enquanto canta, olha em direção para a câmara.

MARIA

(a cantar)

*He could preach the Bible like a
preacher Full of ecstasy and fire
But he also was the kind of teacher
Women would desire(...)*

Maria salta para um espaço livre no meio do bar. Toda a gente do bar está numa roda enquanto Maria dança. A ela junta-se mais duas pessoas que dançam com ela. É uma dança extremamente complexa. E Maria está no centro de tudo.

MARIA

(a cantar)

*Ra ra Rasputin Lover of the Russian
queen, There was a cat that really
was gone, Ra ra Rasputin Russia's
greatest love machine, It was a
shame how he carried on(...)*

As outras pessoas que dançavam com ela arrastam uma pessoa da multidão. Esta pessoa tem uma máscara de cartão com uma face conhecida. A do Sr. Presidente. A de Daniel. Agarram-no com força. A Maria, dois estranhos colocam-lhe luvas de boxe. Os homens empurram este "Daniel" falso para o meio da roda. Maria anda à volta do homem.

MARIA

(a cantar)

*He ruled the Russian land and never
mind the Czar, But the kazachok he
danced really wunderbar, In all
affairs of state he was the man to
please, But he was real great when
he had a girl to squeeze, For the
queen he was no wheeler dealer,
Though she'd heard the things he'd
done, She believed he was a holy
healer Who would heal her son(...)*

Aproxima-se dele e dá-lhe um soco com a mão direita e dois com a mão esquerda que o faz cair desmaiado no chão.

MARIA

(a cantar)

*Ra ra Rasputin Lover of the Russian
queen, There was a cat that really
was gone, Ra ra Rasputin Russia's
greatest love machine, It was a
shame how he carried on(...)*

Com a boca retira a sua luva esquerda e atira-a com força para este impostor. Enquanto tira também a luva direita, as pessoas do bar aproximam-se dela fazendo uma espécie de roda como se estivessem a tentar abafar Maria. Esta está abaixada e com um pequeno isqueiro a iluminar o seu caminho enquanto tenta sair.

MARIA

(a cantar)

*But when his drinking and lusting
And his hunger for power, Became
known to more and more people, The
demands to do something About this
outrageous man Became louder and
louder(...)*

As pessoas começam a saltar, fazendo bastante barulho e dificultando a saída de Maria.

VOZES

(a cantar)

*Hey, hey, hey, hey, hey, hey, hey,
hey, Hey, hey, hey, hey, hey, hey,
hey, hey, Hey, hey, hey, hey, hey,
hey, hey, hey. Hey, hey, hey, hey,
hey, hey, hey, hey(...)*

Finalmente consegue sair. Encosta-se ao palco para tentar recuperar algum fôlego. Agora as pessoas estão organizadas em duas filas. Como se Maria fosse uma figura de estado. E esta enquanto canta, olha-os nos olhos como se estivesse a tentar passar uma mensagem importante. Um aviso.

MARIA

(a cantar)

*"This man's just got to go",
declared his enemies, But the
ladies begged, "don't you try to do
it, please", No doubt this Rasputin
had lots of hidden charms, Though
he was a brute, they just fell into
his arms, Then one night some men
of higher standing, Set a trap,
they're not to blame, "Come to
visit us", they kept demanding, And
he really came(...)*

Finalmente: desta vez toda a gente do bar dança com Maria. Todos sincronizadamente. Como se tivessem acordado. Como se estivessem livres.

(CONTINUED)

MARIA E PESSOAS DO BAR

(a cantar)

*Ra ra Rasputin Lover of the Russian
queen, They put some poison into
his wine, Ra ra Rasputin Russia's
greatest love machine. He drank it
all and said, "I feel fine"(...)*

Abrem mais uma vez o caminho. Uma pessoa está perto do palco. Maria vai a correr, salta para as mãos dele que lhe fazem levantar um pouco e cair em cima do palco. Enquanto dança e canta, agarra no microfone caído.

MARIA

(a cantar)

*Ra ra Rasputin Lover of the Russian
queen, They didn't quit, they
wanted his head, Ra ra Rasputin
Russia's greatest love machine, And
so they shot him 'til he was
dead,
those Russians...*

FIM DE MÚSICA: BONEY M- RASPUTIN

A luz que iluminava Maria apaga-se. Nota-se que voltou à realidade. As pessoas do bar estão todas sentadas em silêncio. Confusas. Ouvimos alguém a tossir. Não sabemos o que eles viram. Mas o que nós vimos foi qualquer coisa. Esta desce do palco e volta para a cadeira onde estava sentada. Faz sinal para pedir mais aguardente ao Barman. O seu telemóvel começa a tocar. Atende.

MARIA

Sim?

DAVID(O.S)

Oi mana. Como estás?

MARIA

David, não tens que me ligar de hora a hora para saber como é que eu estou.

DAVID(O.S)

Tenho sim. Sou teu irmão.
Lembras-te?

MARIA

Hmmm.

(CONTINUED)

DAVID(O.S)

Como é que correu o interrogatório?

MARIA

Sei lá. Conteí tudo o que me lembrava... mas...

DAVID(O.S)

Mas?

MARIA

Parece tudo um sonho. Um pesadelo. Nem me lembro muito bem do que aconteceu. Ou como. Tenho flashes de memória... não sei. Mas estou bem... Preciso de estar sozinha agora.

DAVID(O.S)

Claro... eu compreendo. Mas sabes que estou aqui para falarmos. Certo?

MARIA

Eu sei. Obrigada.

DAVID(O.S)

Gosto muito de ti maninha.

MARIA

E eu de ti.

DAVID(O.S)

Olha... não sei se ainda queres saber... Mas já dei uma olhada naquele líquido que me enviaste-

MARIA

E então?

DAVID(O.S)

Resumidamente e em português? Parecia uma bebida alcoólica, igual a muitas outras.

MARIA

Nada de estranho então?

DAVID(O.S)

Não diria isso...

MARIA

O quê? E diz-me por favor numa
língua que eu compreenda. Nada
daqueles nomes químicos...

DAVID(O.S)

Okay... Portanto... Embora fosse
subtil, devido a talvez a já ser
antigo ou talvez pela quantidade
que me deste... encontrei uns
ligeiros traços de um alucinógeno.

MARIA

A sério?

DAVID(O.S)

Sim... O alucinogéneo agora já não
te faria grande coisa. Mas se
tivesse bebido disto quando foi
misturado... começavas a ver
unicórnios e dragões. No mínimo.

Maria cala-se. Está pensativa. Algo lhe ocorreu na mente.

DAVID(O.S)

Maria?

MARIA

Sim? Olha tenho que desligar...
Xau.

Maria desliga o telefone. Começa a pensar em alguma coisa.
Sabe onde tem de ir. Parece decidida. Sai a correr do bar.

EXT. FLORESTA - NOITE.

Estamos no sítio exato de há uns dias atrás. Um carro, com
as luzes acesas, e ao seu lado Toni e Jaquim. Instantes
depois chega outro carro. Também com as luzes ligadas. De
dentro sai com uma mala preta, Daniel e Emanuel. Caminham em
direção aos "russos".

JAQUIM

Então chefinho o que é que lhe
disse? Está ou não está resolvido?

Daniel não responde. Fica parado no sítio. Estica a mala.
Quando Jaquim se aproxima para pegar nela, Daniel dá-lhe com
bastante força com a mala na cara. Acertou-lhe de tal forma
que este gigante de 2 metros cambaleou para trás. Daniel
começa a bater nele até que Toni o separa e agarra nele
elevando-o. Daniel morde a orelha de Toni com tal força que

(CONTINUED)

fica com parte dela na boca. Este larga-o e Daniel cospe a orelha na cara dele.

JAQUIM

Au! Essa doeu!

TONI

Seu mal-educado! É assim que se trata as pessoas que trabalham para si?

DANIEL

Cala-te! E tu também! Agora o papá vai falar.

Daniel tenta recuperar o fôlego. Tira um cigarro do seu bolso e acende-o.

DANIEL

Qual é a parte, do que eu disse, que não perceberam? Foi a parte em que disse que não queria violência? A parte em que eu disse que tinham que ser subtis? Ou a parte em que eu disse que era suposto ser apenas um susto?

TONI

Pensava que era uma metáfora.

DANIEL

O quê?

TONI

Quando você disse: é só um susto.

JAQUIM

Pois, eu também!

DANIEL

Uma metáfora?

TONI

Sim... como dormir com os peixinhos.

DANIEL

Vocês... o quão estúpidos é que dois brutamontes como vocês podem ser?

JAQUIM

Isso é relativo. Eu, por exempl-

DANIEL

(interrompendo)

Era uma pergunta retórica seu monte de merda ambulante... Se eu... se nós, quiséssemos que algo de mal acontecesse à miúda, nós tínhamos sido bem explícitos não acham?

TONI

Talvez.

DANIEL

E digam-me seus burros... Mesmo que eu tivesse pedido isso... A vossa ideia de susto e de subtileza é fazer um carro explodir? Mas vocês são quem, os mafiosos do Padrinho? Quem é que explode um carro caralho?

TONI

Em nossa defesa... tecnicamente pregámos um susto à miúda.

DANIEL

Vocês quase a mataram!

JAQUIM

Então e morte não é assustadora?

DANIEL

O quê?

PAUSA.

DANIEL

Estou rodeado de idiotas... E digam-me... como é que dois otários como vocês fizeram explodir um carro?

JAQUIM

Bomba.

DANIEL

Ah... ótimo saber. Foda-se. Foda-se. Foda-se! Puta que pariu não havia outra forma de mandarem alguém com o caralho? Neste momento

(MORE)

(CONTINUED)

DANIEL (cont'd)
a cidade está cheia de polícia,
estações de televisão, jornais...
Não se pode dar um peido sem
esbarrar em alguém com um caralho
de um gravador!

TONI
Pedimos desculpa. Não sabíamos que
era par-

DANIEL
Se tu dizes mais uma palavra juro
que te dou um pontapé na pila que
ficas com uma tromba na testa!
Cala-te! Cala-te!

PAUSA.

DANIEL
É que ainda por cima nem mataram a
pessoa que era suposto. Quer
dizer...Perdido por cem, perdido
por mil não é? Ao menos já que iam
para esse caminho, mais valia ir
all in... Matavam-na também...
Puff! Problema resolvido. Não da
melhor maneira, mas ao menos
estava.

Daniel esfrega a cara. Emanuel está em silêncio. Está um
ambiente constrangedor. Jaquim levanta-se finalmente.

DANIEL
Devíamos ter feito isto à moda
antiga.

EMANUEL
Que é qual chefe?

DANIEL
Suborno. Nós continuamos sem saber
o que a miúda sabe... Se não
sabia de nada antes, agora já deve
desconfiar. Se já sabia de alguma
coisa, vai-se descoser toda pra
polícia...Vou ter que falar com a
miúda. Paga-se o que tiver que se
pagar.

EMANUEL
Sr. Presidente... ela viu o
assistente dela a ir pelo ares...
Acha que ela vai aceitar dinheiro?

(CONTINUED)

DANIEL

Emanuel, aprende que eu não duro sempre: não há nada nem ninguém neste mundo que não possa ser comprado.

JAQUIM

Então e chefe... o resto do nosso dinheiro?

DANIEL

O resto do vosso...

Daniel ri-se às gargalhadas. Apaga o cigarro. Agarra na mala que deixou cair ao chão.

DANIEL

Está aqui.

TONI

Otimo. Passe pra cá que n-

Daniel atira a mala para longe. Ela cai do desfiladeiro abaixo. Onde, é impossível saber. Emanuel cai de joelhos ao chão. Afinal era o seu dinheiro. Grande parte dele também.

TONI

Está a gozar? Voc-

DANIEL

Pra próxima, façam as coisas em condições, seus burros de merda. Anda lá Emanuel.

Emanuel, levanta-se instantes depois. Entra no carro e vão-se embora.

JAQUIM

E agora, Toni?

TONI

Sabes que mais? A gente fez um serviço. Está feito. Aquele dinheiro era nosso.

JAQUIM

Podes crer!

TONI

Ninguém nos engana assim! Ninguém faz de nós parvos!

JAQUIM

Ai isso não! Porque é que a gente não admite o que fez?

TONI

Ahm?

JAQUIM

Não? É que se a gente disser que fomos contratados por ele... aposto que nem nos prendem. Ou se o fizerem é por muito pouco tempo. Afinal a culpa é toda dele. Ou deles.

TONI

Não sei Jaquim... É muito arriscado. Não quero ir preso outra vez.

JAQUIM

Oh, não vai ser por muito tempo. Ainda por cima vai ser bom ver a malta outra vez. É a melhor maneira de lixarmos o gajo.

TONI

Hmmmm... matá-lo é muito arriscado já que ele é político e tal. E de certeza que não nos dá o resto do dinheiro. Ainda por cima estamos mesmo a precisar. E encontrar aquela mala está fora de questão... Não sei. Vamos dormir e depois decidimos.

JAQUIM

Dá pra fazer conchinha hoje?

TONI

Pode ser Jaquim. Pode ser.

JAQUIM

Yei!

INT. ENTRADA DA JUNTA - NOITE.

Maria corre as escadas em direção à entrada. Bate repetidamente à porta fazendo uma barulheira tremenda. Pouco tempo depois, um segurança abre a porta.

(CONTINUED)

SEGURANÇA

Que vem a ser isto? Quer que eu chame a polícia?

MARIA

Desculpe... mas eu preciso mesmo de ir aos arquivos.

SEGURANÇA

Oh menina, venha de manhã como os outros. Adeus.

O segurança fecha a porta. Maria bate na porta com muita força, fazendo o triplo do barulho. O segurança volta.

SEGURANÇA

Menina, se continuar a fazer isto eu-

MARIA

(interrompendo)

Ouçá-me primeiro. Não me está a reconhecer?

SEGURANÇA

Desculpe?

MARIA

Olhe bem...

SEGURANÇA

Menina, não estou a ver... Espere... Não... Espere...

MARIA

(suspira)

O carro que explodiu...

Maria engole em seco. Custa-lhe falar.

MARIA

A vítima mortal... era meu assistente.

SEGURANÇA

Ahhh... pois é... é daí que eu a conheço... Os meus pesâmes, menina. Mas como lhe disse, não pode vir aqui a estas horas.

MARIA

Ouçá-me... por favor. Peço-lhe. É um assunto de extrema importância.

(MORE)

(CONTINUED)

MARIA (cont'd)

Tive uns dias de merda. Dê-me um desconto. A sério que sou rápida. Nem vai notar que lá estive.

O segurança suspira.

INT. ARQUIVOS DA JUNTA - NOITE.

Uma porta abre-se. A luz acende-se. Entram o segurança e Maria.

SEGURANÇA

30 minutos menina. Nem mais nem menos.

MARIA

Combinadíssimo. Obrigada.

Maria volta a procurar nos arquivos. Procura. E procura. Até que repara em algo. Começa a desarrumar as caixas. A retirá-las da prateleiras na esperança de encontrar alguma coisa. Até que numa prateleira escura, atrás de uma caixa, num canto da sala que ainda estava a começar a ser explorado, Maria vê uma caixa diferente das outras. Estava cheia de documentos. Quando começa a vasculhá-los fica impressionada. Começa a ler os documentos. Fica de boca aberta. Em choque. Encontrou o que queria. Secalhar até mais.

Senta-se no chão agarrada à caixa. Encosta a cabeça numa estante. Respira de alívio. De alívio por saber que tinha razão. Agarra a caixa como se fosse uma almofada. Agarra-a com força. E começa a chorar. Bastante.

O seu choro ecoa pela divisão toda. E não larga a caixa por nada deste mundo. Chora. Talvez feliz por ter razão. Talvez infeliz por ter razão. Talvez porque custou a vida de um inocente. E nada mudará isso. Com ou sem razão.

INT. HALL DE ENTRADA DA JUNTA- NOITE.

Maria caminha em direção à saída. O segurança quando a vê abre a porta. Quando estava prestes a sair o segurança impede-a.

SEGURANÇA

Menina... eu lamento a tragédia que passou e tal... mas não pode levar isso consigo.

(CONTINUED)

MARIA

Ouça uma coisa.

Maria respira fundo.

MARIA

O que está aqui... esta papelada toda...são documentos sensíveis. Muito. Tão sensíveis que quando os mostrar à polícia, pode ter a certeza que vão prender pessoas muito importantes. Mesmo muito importantes. Isto que está aqui, são provas. E se me impedir de sair com estes documentos quando eu voltar cá com a polícia amanhã vou dizer que você impediu-me de tirar documentos que tecnicamente são de origem pública. E vou dizer que talvez a razão se devesse porque... estava a ajudar os criminosos.

SEGURANÇA

Criminosos?

MARIA

Sim, sim. Criminosos. E como se chama as pessoas que ajudam os criminosos?

SEGURANÇA

Cúmplices.

MARIA

Bingo. Quer ser um cúmplice?

SEGURANÇA

Não.

MARIA

Não ouvi.

SEGURANÇA

Não!

MARIA

Bem me parecia. Ah e não diga a ninguém que eu estive aqui, nem que levei nada. Para seu bem. Agora deixe-me passar.

O segurança deixa Maria passar. Ela caminha com um ligeiro sorriso na cara.

INT. QUARTO DE HOTEL - NOITE.

Maria, remexe na caixa que trouxe. Tem muita coisa: documentos com relatórios de contas, faturas, fotografias... muita papelada. Cada documento que lê, cada fotografia que vê, a sua expressão de choque aumenta. Há um papel que lhe capta a atenção. Lê de cima a baixo. Vai buscar o seu telemóvel. Começa a digitar um número. Olha para o seu relógio. São 3 da manhã em ponto. Não é a melhor altura para telefonemas. Mas faz uma chamada de qualquer das maneiras.

O telefone chama e chama mas ninguém atende. Tenta mais uma vez, sem sucesso. E outra. E outra. A sua expressão começa a transformar-se em desespero. É uma chamada importante. Muito. Mais uma vez sem sucesso. Pousa o telemóvel.

Decide tentar só mais uma vez. É tudo ou nada. Está à espera que alguém atenda. Está com os olhos fechados. Está sem esperança.

Maria faz uma expressão surpeendida. Abre os olhos e quando ia finalmente dizer alguma coisa-

EXT. ESTAÇÃO DE COMBOIOS - TARDE.

Maria está sentada num banco. Consigo tem a caixa que protege como se fosse um animal de estimação que já tem há anos. Olha para o relógio. Vê que são 3 da tarde. Estranho.

Após alguns segundos, vemos um comboio a chegar. Quando este chega à estação. Maria levanta-se. Está à espera de alguém. Procura com o olhar. Estica o braço e gesticula bastante. Encontrou a pessoa que procurava.

Finalmente descobrimos a identidade desta pessoa: é o Padre Gabriel. Cumprimentam-se.

EXT. JARDIM - TARDE.

Maria e o Padre Gabriel estão sentados num jardim. Estão algumas pessoas à sua volta mas não muitas. Está sossegado. À sua frente está um lago com vários patos. Estão a admirar a paisagem. O SILÊNCIO. A calma.

PADRE GABRIEL
Sabe bem respirar um pouco.

Maria acena com a cabeça.

(CONTINUED)

PADRE GABRIEL

Sempre gostei de patos. São criaturas tão adoráveis... Nunca fui capaz de comer pato.

MARIA

Sabe... A minha mãe costumava levar-me a mim e ao meu irmão a um jardim assim quando eramos pequenos. E estava sempre cheio de patos.... A comida preferida do meu pai sempre foi arroz de pato. Então houve um dia em que a minha mãe, para lhe fazer uma surpresa, comprou carne de pato para cozinhar. Nesse dia à tarde ela como estava de folga do trabalho decidiu levar-nos ao jardim. Eu devia ter pra aí uns 6 anos e o meu irmão 4... De qualquer das formas... Estávamos a andar nesse dia pelo parque quando demos com um ninho de patos. E ficamos muito encantados. E ficamos maravilhados instantes depois quando vimos os patos bebés a sair dos ovos.

PADRE GABRIEL

Uau... deve ter sido belíssimo.

MARIA

Foi... Nesse dia quando chegámos a casa e a minha mãe quando estava a preparar a carne de pato para jantarmos... desatou a chorar. Dizia que não conseguia... Só se lembrava dos patinhos que tínhamos visto.

PADRE GABRIEL

O que jantaram nesse dia?

MARIA

Leite com cereais.

PADRE GABRIEL

E o seu pai?

MARIA

Também. E desde esse dia nunca nenhum de nós comeu mais arroz de pato.

(CONTINUED)

PADRE GABRIEL
É uma boa história.

MARIA
Obrigada.

PAUSA.

PADRE GABRIEL
Quando vi o que tinha acontecido com o seu colega... dentro de mim sabia que o Presidente tinha alguma coisa a ver com isto. Não sabia como. Mas tinha. E com o que você me contou... Certezas não me faltam.

Maria acena com a cabeça.

PADRE GABRIEL
Nunca me vou perdoar... Eu devia ter dito alguma coisa. Na altura. Mas eles conseguiram-me expulsar da Igreja. E ameaçaram que se eu falasse, a minha família iria pagar. Se eu tivesse dito alguma coisa... talvez... talvez...

MARIA
Não. Não se culpe. Quanto mais, a culpa é minha.

PADRE GABRIEL
Não. Maria-

MARIA
(interrompendo)
O meu chefe tinha-me avisado. Ele disse-me para voltar naquele dia senão estávamos despedidos. E eu como casmurra e egoísta que sou, ignorei e ficámos cá uns dias a mais. Foi só isso que foi preciso. Não só o matei como fiz com que ele fosse despedido.

PADRE GABRIEL
Você estava a seguir os seus instintos. E ele estava a ajudá-la.

MARIA
Sim... mas ele não acreditava muito nesta história. Para ser honesta

(MORE)

(CONTINUED)

MARIA (cont'd)
até aquela manhã até eu já tinha as
minhas dúvidas.

PADRE GABRIEL
A culpa não foi sua. Foi de quem o
matou. E de mais ninguém.

MARIA
Seja como for... vou viver com isso
na minha consciência. Para sempre.

PAUSA.

PADRE GABRIEL
Maria... e se ninguém acreditar em
nós? Naquilo que eu lhe contei...
Até em si?

MARIA
Esta caixa aqui... Está aqui mais
do que suficiente para acabar com
esta fachada toda.

PADRE GABRIEL
Como é que descobriu esses
documentos todos?

MARIA
Nos arquivos. Mas não eram de lá. A
caixa é diferente. E estava bem
escondida. Pela quantidade de
coisas que aqui tem... diria que o
presidente tem inimigos dentro do
seu castelo.

PADRE GABRIEL
Acha que é do-

MARIA
(interrompendo)
Quem é o braço direito dele? Alguém
em que o presidente confia
cegamente?

PADRE GABRIEL
O Vice-Presidente. Diria eu.

MARIA
Pense comigo. Nesta caixa estão mil
e um documentos diferentes. Todos
incriminatórios. Além de
fotografias, gravações, listas de
(MORE)

(CONTINUED)

MARIA (cont'd)

contactos, toda uma carrada de coisas. É muita prova que pode incriminar o presidente junta. Não é feito ao calhas. Isto foi tudo propositado. São documentos muito diferentes uns dos outros. Parece provas que a polícia reuniria para prender alguém. E... se eu fizesse um empreendimento... digamos ilegal... muito ilegal, com mais uma pessoa, pessoa essa que não confio plenamente ou então é só um sociopata... é preciso ter algum fundo de rede. Eu reuniria o máximo de provas incriminatórias contra o meu parceiro caso... eu fosse apanhado ou ele me pensasse em trair... Digamos que eu era apanhada. E revelava estes documentos. Claro que me comprometem também. Eu ia presa obviamente, mas ele...

PADRE GABRIEL

Ia ter uma pena maior. Ao contrário de você que colaborou com as autoridades.

MARIA

Precisely.

PADRE GABRIEL

Uau... devia fazer jornalismo de investigação. Ou juntar-se à PJ.

MARIA

Nunca gostei muito de armas, portanto...

PADRE GABRIEL

Devia pensar na primeira opção.

MARIA

Bem... uma coisa de cada vez.

Um HOMEM misterioso aproxima-se de Maria e do Padre Gabriel. Assusta-os.

HOMEM MISTERIOSO

Maria dos Santos?

(CONTINUED)

MARIA

Sou eu.

HOMEM

Boa tarde. O senhor presidente gostaria de a convidar para jantar.

MARIA

O quê?

HOMEM MISTERIOSO

Eu estou encarregado de a acompanhar. Temos um carro à nossa espera.

MARIA

Não, obrigada.

HOMEM MISTERIOSO

O sr. Presidente faz mesmo questão que venha.

Maria levanta-se. Suspira. Lembra-se de algo.

MARIA

Se for, tenho que passar no meu quarto de hotel primeiro.

HOMEM MISTERIOSO

Talvez fique apertado em termos de tempo.

MARIA

Ou é isso ou não vou. Ponto final.

HOMEM MISTERIOSO

Muito bem. Passaremos no seu hotel então. Mas temos de ir agora.

MARIA

Deixe-me acabar a conversa com o meu amigo.

HOMEM MISTERIOSO

Mas temos mesmo que-

MARIA

Já falei. Agora vá-se embora. Ou quer ouvir as minhas conversas também?

O Homem Misterioso recua uns bons metros. Maria faz sinal para ele recuar ainda mais.

PADRE GABRIEL

Maria... o que vai fazer? Vai-se meter na toca do lobo?

MARIA

Ouçã uma coisa: você vem comigo. Enquanto eu vou ao quarto e me preparo, fica no lobby. Sítio público. Onde toda a gente o veja. Depois de eu sair vai ligar para um número que lhe vou dar. Não deixe ninguém, ficar com a caixa. Ou que a levam para um sítio diferente, sem você... Proteja-a com a sua vida. Confie na pessoa que o vem buscar mas mesmo assim, a frase do dia é: desconfiar de toda a gente. Percebeu? E conta o que sabe. E o que eu lhe contei. Ok?

PADRE GABRIEL

Maria... eu não sou como você. E se alguma coisa me acontece a mim? Ou à minha família? Eles tiraram-me tudo... Já nem padre sou!

MARIA

Pad....Gabriel. O que esta caixa contém... adicionado ao que eu e você sabemospode deitar isto tudo abaixo. Esta fachada toda. Expôr o que lhe fizeram e quem está metido nestes esquemas. Podemos provar que a Igreja Católica também está envolvida. Que membros do Governo também. Isto estende-se pelo país todo. Este filho da mãe fez negocios obscuros com toda a gente neste país para ter esta riqueza toda. E acredite que conseguimos deitar isto tudo abaixo. Mas primeiro, tem que cair o cabecilha. E depois é uma bola de neve. Causa e efeito. Sem o líder, isto vai tudo. Tudo. Mas precisamos que ele admita.

PADRE GABRIEL

Achas que um narcisista mentiroso como ele o vai fazer?

(CONTINUED)

MARIA

Vai. Confie em mim. A pior coisa que lhe pode acontecer a ele é perder tudo. É o maior medo dele. Ele não tem a certeza do que eu sei ou não sei... Pessoas que gostam de estar no poder quando sentem que estão prestes a perdê-lo... estão dispostas a tudo. Você consegue isto! Vamos.

Maria dirige-se ao Homem Misterioso.

MARIA

Ele vem connosco.

HOMEM MISTERIOSO

Mas o presidente só pediu a sua presença.

MARIA

E eu vou. Só que o meu amigo precisa de boleia para o hotel. Está no mesmo que eu.

HOMEM MISTERIOSO

Mas-

MARIA

(interrompendo)

A sério? Vamos fazer isto outra vez? Vamo-nos!

Maria começa a caminhar juntamente com Gabriel. O Homem Misterioso fica para trás.

MARIA

Então? Não estava cheio de pressa?

HOMEM MISTERIOSO

O carro está para aquele lado.

O Homem Misterioso aponta na direção oposta à de Maria e do Padre Gabriel.

MARIA

Ah. Certo. Faz sentido.

INT. LOBBY DO HOTEL - TARDE.

Entram os três no hotel.

MARIA

Você, espere no carro, okay? Ou melhor ainda. Traga o carro para a entrada. Entre 15 minutos a 2 horas eu desço.

HOMEM MISTERIOSO

(suspirando)

Sim, senhora.

O Homem Misterioso sai da presença deles. Maria acompanha Gabriel que carrega a caixa até a uns sofás no lobby. Gabriel senta-se. Maria, do seu bolso direito das calças tira um pedaço de papel.

MARIA

O número é este, ok? Estamos combinados, certo?

Gabriel acena com a cabeça.

MARIA

Ótimo. Ate já.

INT. CASA DE BANHO - FIM DA TARDE.

A água do chuveiro cai no corpo de Maria. Esta está imóvel. Deixa a água cair por si. Tem a cabeça encostada na parede. Fecha os olhos enquanto se tenta abstrair de tudo à sua volta. Naquele momentos só existe ela. E mais nada.

INT. QUARTO DE HOTEL - FIM DA TARDE.

Maria está sentada na cama. Começa a chorar. Tenta aguentar-se. Respira. Vê que roupa há de vestir. Está indecisa. De repente, na janela do seu quarto há um visitante inesperado. Olha e vê que é um pombo branco. Tem qualquer coisa no seu bico. Algum tipo de ramo. Maria impressionada aproxima-se da ave. Lentamente. O pombo sobe para a mão de Maria. Ela olha-o maravilhado. Instantes depois o pombo foge.

Maria repara que o pombo deixou cair algo. Agarra e olha com atenção. É um ramo de oliveira.

INT. LOBBY DO HOTEL - FIM DA TARDE.

Gabriel está a ler alguns dos documentos da caixa. Está chocado. De repente ouve um assobio. Olha e é Maria. Está com uma roupa belíssima. Faz-lhe um sinal e este agarra no seu telemóvel e no papel que Maria lhe deu e faz uma chamada.

EXT. JARDIM DA CASA DE DANIEL - FIM DA TARDE.

O carro pára mesmo à entrada. Uma vez mais, a casa de Daniel impressiona. Maria sai do carro. À entrada estão vários empregados que a recebem.

INT. HALL DE ENTRADA DA CASA DE DANIEL - FIM DE TARDE.

Entra na casa e esta é deslumbrante. Claro. Um dos empregados leva-a até um escritório onde Daniel lê um livro enquanto fuma um charuto.

INT. ESCRITÓRIO DA CASA DE DANIEL - FIM DE TARDE.

Daniel apercebe-se que a sua convidada entrou. Levanta-se e cumprimenta-a apertando-lhe a mão.

DANIEL

Fico contente que tenha aceite o meu convite. Acho que começámos com o pé esquerdo da outra vez.

Maria nada diz.

DANIEL

A minha mulher era fã de leitura... Nunca foi muito a minha coisa. Bem tentei. Ainda tento... mas não é pra mim. Prefiro ver filmes ou sei lá ver um programa sobre horticultura do que ler livros. Credo.

Maria continua a não dizer nada.

DANIEL

Está muito bonita. Já agora.

Maria nem responde. Nem vale a pena. Nota-se que Daniel está atrapalhado.

(CONTINUED)

DANIEL

Posso-lhe arranjar alguma coisa de beber? Gosta de vinho? Normalmente as mulher-

MARIA

(interrompendo)

Tem whisky?

DANIEL

Tenho sim! E dos bons! Tenho cada garrafa aí que me custou uma fortuna...

MARIA

Qual é o mais caro que tem?

DANIEL

Hmmm... provavelmente um ali que me custou 14 mil contos. Está guardado. Aquele vai ser pra quando eu fizer assim sei lá, uns 60 ou 70 anos...ou... assim uma ocasião especial como ahm-

MARIA

(interrompendo)

Quero um copo desse então. Sem pedras de gelo.

Desta vez é Daniel que fica sem palavras. Faz um sorriso amarelo.

DANIEL

Ou... ou... pode-se abrir hoje! Só se vive uma vez, não é verdade? Eu vou pedir então.

Daniel sai do escritório. Maria olha para as fotografias na secretária de Daniel. Tem várias com os membros do gabinete, assim como fotos dos tempos em que era jovem. Repara numa particular: uma foto de casamento. Presumivelmente Daniel e sua falecida mulher.

Maria suspira enquanto torce os lábios.

EXT. JARDIM DAS TRASEIRAS DA CASA DE DANIEL - NOITE.

Comem os dois em SILÊNCIO. A comida tem ótimo aspeto. Deliciosa. Nenhum dos dois se olha sequer. Daniel, ainda discretamente, observa Maria mas esta não retribui. Nem quer saber.

(CONTINUED)

DANIEL

Bem... hoje é o último dia da
celebração. Hoje é quando atuam os
Diretamente da Sacristia! Não sei
se gosta...

Maria não diz nada. Continua a comer.

DANIEL

Olhe... desculpe estragar o
ambiente mas... os meus pesâmes...
a morte do seu parceiro foi
trágica. Os carros hojem em dia...
não valem nada. São tramados.
Qualquer coisinha e pumbas.

Maria continua a comer sem dizer nada.

DANIEL

Há quanto tempo o conhecia? Eram
muito próximos?

Maria cruza os talheres. Olha nos olhos de Daniel com uma
cara de desprezo.

MARIA

Isso importa?

DANIEL

Perdão?

MARIA

Se isso importa? Só devemos chorar
a morte de pessoas que conheçamos
há anos? É isso? Não basta ele ter
sido uma pessoa, só?

DANIEL

Não... quer dizer, sim. Não, não
não... não foi com essa intenção
que... desculpe.

Maria reclina-se na cadeira. Daniel cruza os talheres.

DANIEL

Já acabou de comer?

Maria acena com a cabeça.

DANIEL

Tenho uma coisa para lhe mostrar.
Pode ser.

MARIA

O que é?

DANIEL

É uma surpresa.

MARIA

Não sou fã. A última vez que tive uma não gostei.

DANIEL

(suspira)

Entendo. Mas esta é especial. Acho que devia ver.

MARIA

É longe daqui?

DANIEL

Não muito. Mas teremos de ir carro. Depois, não se preocupe que o meu motorista leva-a de volta ao hotel.

MARIA

Vamos lá.

Daniel e Maria levantam-se da mesa.

MARIA

Já agora, antes de irmos pode-me ir buscar mais um copo daquele whisky caro? Disso, sim, sou fã.

Daniel faz um sorriso amarelo.

DANIEL

Claro!

INT. ESQUADRA DA POLÍCIA - NOITE.

Vemos uma esquadra algo movimentada. Agentes da polícia estão por todo o lado. Numa secretária está um AGENTE DA POLÍCIA concentrado no seu trabalho. De repente dois vultos gigantescos aproximam-se da secretária. O Agente fica algo assustado.

AGENTE DA POLICIA

Boa noite... Em que vos posso ajudar?

Estes vultos gigantescos revelam-se: são Toni e Jaquim.

(CONTINUED)

JAQUIM

Queríamos falar aqui com a pessoa responsável. Assim a pessoa mesmo top. Tipo o Sherlock Holmes daqui. Se for possível.

AGENTE DA POLICIA

Ok... Mas porquê?

JAQUIM

Queríamos fazer uma confissãozinha.

TONI

De um crime. Relacionado com a explosão de há uns dias.

AGENTE DA POLICIA

Podem aguardar aí... não vão muito longe.

TONI

Nós vamos só apanhar ar.

AGENTE DA POLICIA

Não, muito longe. Tenho que vos ver...

JAQUIM

Memo aqui à entrada, chefe. Não se preocupe que a gente não vai a lado nenhum.

TONI

Se não, não tínhamos vindo aqui né?

AGENTE DA POLICIA

Um momento.

EXT. PÁTIO DA ESQUADRA - NOITE.

Estes dois caminham até a entrada no exterior. Estão mesmo muito perto da porta.

JAQUIM

Somos génios Toni. A nós, ninguém nos fica com o capim.

TONI

Podes crer Jaquim. Podes crer.

PAUSA.

(CONTINUED)

JAQUIM
Caraças ia mesmo um cigarrito
agora.

TONI
Podes crer.

JAQUIM
Oh amigo. Você aí!

Um homem olha. É o Padre Gabriel.

PADRE GABRIEL
Sim?

JAQUIM
Não tem um cigarro que nos arranje?

PADRE GABRIEL
Não. Peço desculpa, mas não fumo.

JAQUIM
Deixe estar. Obrigado na mesma.

PADRE GABRIEL
Faz mal, de qualquer das maneiras.

JAQUIM
É verdade. Mas sabe bem.

PAUSA.

TONI
Tá aqui porquê? Que é que fez?

PADRE GABRIEL
Eu?

TONI
Sim, sim.

PADRE GABRIEL
Nao fiz nada.

JAQUIM
Se eu tivesse um escudo por cada
vez que ouvi isso, companheiro!

PADRE GABRIEL
Pois... acredito. Mas no meu caso é
verdade.

TONI

Porquê?

PADRE GABRIEL

Nao posso dizer.

JAQUIM

Oh, diga lá.

TONI

Agora que começou...

PADRE GABRIEL

Ahm... vou só dizer que estou a ajudá-los num caso.

JAQUIM

Eh lá, senhor Sherlock Holmes! Sim senhora.

Instantes depois Sara chega.

SARA

Gabriel... peço-lhe que volte para dentro e continue com o meu colega, pode ser?

PADRE GABRIEL

É seguro?

SARA

Sim. Confie em mim. Eu já lá irei. Tenho que falar com uns cavalheiros antes. Que por acaso são estes mesmo. Até já.

PADRE GABRIEL

Até já. Bem, estejam com Deus.

Padre Gabriel abaixa-se e leva consigo uma caixa. A famosa caixa.

JAQUIM

Adeus pá! Não quer ajuda com essa caixa?

PADRE GABRIEL

Não, obrigado!

TONI

Prazer!

PAUSA.

(CONTINUED)

SARA

Então... ouvi dizer que queriam
falar com assim o top da polícia...
Têm uma confissão a fazer? Sobre o
caso da explosão?

TONI

É isso mesmo.

JAQUIM

É com você que a gente se chiba?

SARA

(sorrindo)

Sou eu sou... Fazemos assim: está a
ficar frescote. Porque é que não
vamos para dentro?

Jaquim e Toni acenam com a cabeça. Caminham e entram na
esquadra. Sara fica para trás. Mentiu. Na verdade estava a
ficar calor. Instantes depois entra na esquadra também.

INT. IGREJA EM CONSTRUÇÃO - NOITE.

Esta igreja ainda está bastante inacabada. Tem o altar, um
estátua de Cristo relativamente pequena, mas mais nada. Nem
bancos. Daniel caminha à frente e Maria um pouco mais atrás.

DANIEL

Que tal? Sei que ainda está
inacabada mas... é suposto abrir
daqui a 2 anos. Já estou farto de
pedir... Pedi ao engenheiro...
Disse-lhe que queria uma estatua de
Cristo grande. Enfim, não se pode
confiar neles...

Maria mexe na sua mala sorreitadamente.

MARIA

E que tal... falarmos como adultos?
Principalmente...o Daniel.

DANIEL

Desculpe?

MARIA

Acha mesmo que eu não sei porque é
que me trouxe aqui? Porque é que me
convidou para jantar?

(CONTINUED)

DANIEL
Chame-lhe cortesia profissional.

MARIA
Chama-lhe o que quiser. Eu chamo patético.

Daniel nem acredita no que está ouvir.

MARIA
Tem piada... o quanto as pessoas se sujeitam para se manter no poder. Não é?

DANIEL
Não estou a perceber bem onde que-

MARIA
(interrompendo)
Tem medo. Medo de que eu saiba alguma coisa que o comprometa. O problema é que não sabe o que é que eu sei. É esta incerteza que o corrói por dentro? Sr... Presidente?

PAUSA.

DANIEL
Então diga-me: sabe ou não sabe? Alguma coisa que me comprometa?

MARIA
Bem... na verdade foi você que se comprometeu a si mesmo. Ou melhor: o seu braço direito.

DANIEL
Ah... aqui está a minha resposta.

MARIA
Devia ter mais cuidado em quem confia.

DANIEL
Diga de uma vez o que sabe. E o que quer para ficar calada.

MARIA
O que eu sei? Bem... Eu vi os documentos. Fez muita, muita, coisa... branqueamento de capitais, subornos, intimidações... A lista não tem fim.

(CONTINUED)

DANIEL

Quanto é que quer para ficar calada? Qualquer quantia diga-a e eu pago-a. Com a condição de que tem que me entregar os documentos.

MARIA

Eu não quero dinheiro.

DANIEL

O quê?

MARIA

Nem toda a gente pode ser comprada, Daniel.

DANIEL

Se a Maria já viu os documentos sabe que isso não é verdade.

MARIA

Eu tenho um pedido a fazer em troca dos documentos.

DANIEL

Diga de uma vez por todas.

MARIA

Quero... a verdade.

DANIEL

Como?

MARIA

Quero que me conte tudo o que fez. Já que estamos numa igreja e tal... confesse. E eu não digo nada. Eu não falo. Quero saber como é que fez este tal "milagre". É uma peça do puzzle que ainda não está completa. Quero saber porque é que fez isto. Quero saber porque é que mandou matar um miudo de 22 anos e uma pessoa que trabalha numa revista cor-de-rosa.

DANIEL

Eu... Como é que posso confiar em si? Como é que sei que não fala?

MARIA

Não sabe. Mas é confiar em mim ou ter a certeza que conto tudo à

(MORE)

(CONTINUED)

MARIA (cont'd)
polícia mal saia daqui. E se tentar
me fazer algum mal, quer dizer...
era cavar a sua sepultura.

DANIEL
Muito bem...

Daniel suspira.

DANIEL
Em primeiro lugar... Não era
suposto matar ninguém... Os capangas
que nos fizeram o serviço... não são
os melhores...

MARIA
Reconfortante saber que se eles
fossem mais competentes eu tinha
morrido no carro também.

DANIEL
Não! Eu só queria que eles vos
pregassem um susto. Mais nada...
Quanto ao resto...

MARIA
Como é que fez? Como é que enganou
milhares e milhares de pessoas?
Porquê? Dinheiro? Poder? Ambos?

DANIEL
Não... Ouça... Sangreal quando
ainda era Vila Nova do
Sabugueiro... era um sítio pobre. E
nao estou a falar economicamente
só. Era uma vila prestes a ficar
deserta. Já quase ninguém vivia
aqui. Provavelmente hoje deveria
ter 100 habitantes, se tanto. Acho
que... Nunca sentiu que desperdiçou
a sua vida? Que tomou o caminho
errado? Que tomou uma decisão
confortável e deixou-se ficar?

MARIA
Já.

DANIEL
Era isso que eu sentia. Custava-me
a ver a vila onde nasci, onde
conheci a minha mulher...
Desaparecer. Tornar-se irrelevante.

(MORE)

(CONTINUED)

DANIEL (cont'd)
É o pior medo do ser humano a
seguir à solidão.

MARIA
E depois?

DANIEL
Bem... houve um dia que tive uma
ideia. Não há turismo que gere tão
bom dinheiro como o religioso. A fé
é uma coisa incrível. Fátima não
era nada até à Nossa Senhora
aparecer debaixo de uma azinheira.
O Vaticano é uma das cidades mais
ricas do mundo... Então, à ausência
de aparecimentos de figuras ou
eventos religiosos... decidi fazer
o meu.

MARIA
Mas porquê um milagre?

DANIEL
Maria... As pessoas não questionam
a sua fé. É uma grande parte de ser
católico. Não questionar nunca o
porquê das coisas. A resposta a
tudo é sempre a mesma: "Deus faz
assim." "Deus fez assado." "Era o
plano de Deus."

PAUSA.

DANIEL
E isso meteu-me a pensar... Nunca
ouviu falar daqueles casos em que
uma pessoa tem um fuga de água e
diz que a mancha na parede é em
forma de Cristo? E as pessoas
engolem isso. Porquê? Até aos dia
de hoje acha mesmo que alguém se
questionou seriamente se a Nossa
Senhora apareceu a três miúdos
pastores?

MARIA
Você queria algo inquestionável.

DANIEL
Com o pouco dinheiro que
tinhamos... investimos nisso. Eu e
o meu staff..

(CONTINUED)

MARIA

Como é que o fez?

DANIEL

Bem... nós fizemos isso na semana da celebração de Cristo que já existe há muitos anos. Compramos todas as reservas, que não são muitas, de coice de burro e dissemos que era de borla... E sabe como são as pessoas... Quando é de borla, bebem o triplo. Além do mais é tradição... É uma forma de abençoar o próximo ano. Dizem os velhotes. E bebeu toda a gente: homens ou mulheres, jovens ou velhos...portanto metemos assim um ingrediente secreto na bebida... E depois encenámos um aparecimento de Cristo. Contratámos um ator que pensava que estava a fazer uma performance qualquer... Ele não questionou. Era um ator de teatro. Precisava do dinheiro portanto... Quando ele, ou melhor dizendo "Cristo", apareceram as pessoas já estavam tão drogadas que acreditariam em tudo. E o resto é história.

MARIA

Não estavam crianças? Aí?

DANIEL

Estavam.

MARIA

Seu sociopata... drogou crianças também?

DANIEL

Ouçá eu não controlei quem bebeu *coice de burro*. Se houve miúdos que beberam, olhe paciência.

MARIA

Crianças? A sério?

DANIEL

Como lhe disse, eu não controlei quem bebeu *coice de burro*.

(CONTINUED)

MARIA

Parece algo tão falso... Quer dizer... como é que as pessoas...

DANIEL

Maria... A crença é contagiosa. A única coisa que é preciso para alguém acreditar na teoria mais ridícula do mundo... é se outra pessoa também acreditar.

MARIA

Você mete-me nojo.

DANIEL

Sem mim... Sem isto... A Vila hoje estaria praticamente deserta. Esquecida. E nós com ela. Fizemos o que tivemos que fazer.

MARIA

É a história que conta a si mesmo todas as noites antes de adormecer?

PAUSA.

MARIA

Você aproveitou-se da fé das pessoas. Só para ganhar dinheiro. E poder. Mais nada.

DANIEL

Sabe que mais, Maria... vá-se foder. Sim, isso mesmo. Vá se foder. A Igreja Católica faz o mesmo há séculos... Porque é que eles podem contar as mesmas mentiras que nós e sair impunes e nós não?

MARIA

Espere... você é ateu?

DANIEL

Oh meu deus Maria... Também acredita no Pai natal? Claro que sou. Já leu a Bíblia alguma vez? Nada daquilo faz sentido. Se sou religioso... Vou-lhe contar uma história. A minha mulher era uma católica devota. Todos os domingos ia à missa. E todos os dias me arrastava. Ajudava as pessoas da

(MORE)

(CONTINUED)

DANIEL (cont'd)

Vila que tivessem em dificuldades financeiras sem nada em troca. Rezava antes de ir dormir. Era boa pessoa. Mesmo. E um dia estávamos a vir de Fátima quando um camião veio contra nós. O carro ficou desfeito... Sabe o que vem a seguir não sabe?

PAUSA.

DANIEL

Eu escapei ileso. Sem danos nenhuns. Olhei pro lado e a minha mulher estava esmagada. A cabeça dela ...O tronco dela... Já viu alguma vez um crânio esmagado? Um crânio em que a cara foi toda para dentro? Agora diga-me: que tipo de Deus mata uma mulher assim e deixa o traste do marido vivo?

Estão em SILÊNCIO.

MARIA

Os fins não justificam os meios. Voce conta a si mesmo a história que quiser. Mas uma coisa eu lhe digo: voce nao é boa pessoa. Por mais que acredite que sim. Nem as suas intenções foram as mais "puras". Por mais que acredite que sim.

DANIEL

Eu fiz o que foi preciso. Não me arrependo de nada. E sabe que mais? Quer tenha os documentos, quer não... Vivemos num mundo injusto. Neste país... quer dizer... neste mundo ninguém vai preso se conhecer as pessoas certas. E além do mais...Ninguém vai acreditar em si. Como lhe disse: as pessoas não questionam a fé que têm. Acreditam mais depressa que eu vi Cristo a fazer a fazer a Volta a Portugal em Bicicleta do que acreditam que eu e a minha equipa simulámos um milagre religioso.

Daniel começa a caminhar em direção a saída.

(CONTINUED)

MARIA

Talvez... mas as pessoas gostam menos de ser enganadas. Principalmente em relação a coisas que lhe dizem muito.

DANIEL

Vem?

MARIA

Eu não quero boleia sua. Eu oriento-me a partir daqui.

DANIEL

Não devia ter vindo de salto altos. Vai andar muito até ao hotel. Os seus pezinhos vão inchar.

MARIA

Sabe que mais Daniel? Por mais poderosas que algumas pessoas sejam acabam sempre por pagar pelas suas ações. De uma forma ou de outra. E digo-lhe uma coisa: na hipótese remota de existir um Inferno, pode ter a certeza que tem lá um espaço com o seu nome.

Daniel ri-se e sai da igreja. Maria fica sozinha. Caminha até ao centro do altar. Olha à volta para confirmar que Daniel saiu. Tira da mala um gravador e carrega no stop. Sorri. Respira fundo. Decide observar a estátua de Cristo de mais perto. Olha para a estátua com alguma melancolia.

Repentinamente a estátua cai e Maria só tem tempo de a segurar com bastante dificuldade antes dela cair ao chão. Segura-a com os seus braços quase como se a estivesse a abraçar. Com bastante esforço encosta-a à mesa do altar.

Olha em seu redor. Decide ir-se embora.

EXT. RUA - NOITE.

A igreja em construção está ao fundo. Solitária. Escura. Maria espera junto à rua. Instantes depois um carro chega e de lá saem Sara e o Padre Gabriel.

PADRE GABRIEL

Está magoada, Maria?

(CONTINUED)

MARIA

Não. Cansada? Sim.

SARA

Já lhe disseram que devia ter sido inspetora?

MARIA

Já.

SARA

E?

MARIA

Não gosto de armas.

SARA

Então? Conseguiu?

Maria entrega a Sara o gravador.

SARA

Já me adiantou tanto serviço que nem sei.

MARIA

Vamos embora?

SARA

Sim, claro. Mas uma coisa... O caso ainda deve demorar. Temos que reunir as provas de forma organizada, procurar a narrativa. É um caso com ramificações gigantes. É muito complexo.

MARIA

O que é que me está a tentar dizer?

SARA

Não vamos prender o sr. Presidente amanhã. Nem depois de amanhã. Nem no dia a seguir. Quando são casos com pessoas que têm muito dinheiro e/ou poder temos que ter um caso infalível. Algo que os melhores advogados não consigam encontrar nenhuma falha. Vamos reunir. E depois quando for a altura certa... atacamos.

MARIA
Mas vão prendê-lo?

SARA
Espero que sim.

MARIA
Espera?

SARA
Como lhe disse, pessoas como ele fogem à lei a torto e a direito. Mas acredito que sim... Quando isto se souber na imprensa... quando as pessoas souberem o que ele fez... Ele vai preso. Eu vou fazer de tudo para que isso aconteça.

MARIA
Só preciso que aconteça. Eventualmente.

SARA
Bem... E que o se segue pra si?

MARIA
Casa. Minha casa. Em Lisboa.

SARA
Fazemos assim: vamos à esquadra fazer mais um testemunho e vamos ouvir esta gravação. Depois levo-a ao hotel. Deixo lá alguém de confiança que logo pela manhã a leva aos comboios. A si e ao Padre Gabriel. Pode ser?

Maria acena com a cabeça. Entram no carro e vão embora.

ECRÃ NEGRO

INT. QUARTO DE DANIEL - MANHÃ.

Daniel acorda. Está despenteado. Tem olheiras gigantes. Levanta-se. Espreguiça-se. A sua barba está desleixada. Está em SILÊNCIO. O despertador não toca.

INT. QUARTO DE BANHO DE DANIEL - MANHÃ.

Daniel toma banho. Está apático. Deixa a água escorrer por si.

INT. SALA DE JANTAR DE DANIEL - MANHÃ.

Desce as escadas. Está vestido apenas com uma cuecas brancas e o seu roupão branco de cetim. Está sem o seu capachinho. Ao aproximar-se da mesa olha pela janela e fica curioso. O seu jardim está infestado de gafanhotos. Senta-se na mesa chocado. Come a comida a pensar no que viu.

Instantes depois chega o mordomo com a bandeja com a tampa de prata. Ao abrir, os cigarros estão em forma de cruz invertida. Chocado Daniel olha para o mordomo. Este apercebe-se do seu erro e vira a bandeja ao contrário para a forma como devia estar.

INT. HALL DE ENTRADA DA CASA DE DANIEL - MANHÃ.

Daniel está a andar pelo hall de entrada com um cigarro na boca. Olha para a gaiola que tinha à entrada. Fica chocado. Os 3 papagaios exóticos que tinha estão mortos. Caminha para longe e senta-se no chão, pensativo. A sua mente vagueia por lugares desconhecidos. Instantes depois tocam à campainha. Uma das empregadas de Daniel dirige-se para a porta mas Daniel faz-lhe sinal para não o fazer. Tocam outra vez. E outra. E outra. E outra.

Subitamente pontapeiam a porta e entram bastantes polícias pela casa de Daniel adentro. Este desata a fugir. Vai contra o seu mordomo, que cai ao chão juntamente com Daniel. Levanta-se e quando se dirige a uma porta que leva ao jardim das traseiras é apanhado por um polícia que lhe faz uma placagem. Deixa cair o seu cigarro ao chão. Tenta agarrá-lo, mas não consegue.

EXT. JARDIM DA CASA DE DANIEL - MANHÃ.

Vemos inúmeros carros patrulhas acompanhados por imensos polícias. Daniel está algemado. Um policia coloca-o dentro do carro.

INT. TRIBUNAL - TARDE.

Vemos Daniel com a sua barba já bastante crescida. Está sentado. Vemos um dos advogados a protestar e a apontar pra ele enquanto o juiz o observa. Não conseguimos ouvir nada do que é dito. Instantes depois, o juiz volta e todos se levantam. Diz algo que é inaudível e bate com o martelo. Pela cara de Daniel, não parece nada de bom. Este olha para trás e reconhece uma cara.

Maria está sentada na audiência. Junto de si está o Padre Gabriel e Sara. Os olhares de Maria e de Daniel cruzam-se.

Discretamente ela mostra-lhe o dedo do meio. Daniel olha para a frente. Está com uma expressão aterrorizada.

EXT. PRISÃO - TARDE.

Vemos uma carrinha a chegar. De dentro sai Daniel.

INT. CORREDOR DA PRISÃO - TARDE.

Um guarda acompanha Daniel até à cela. Finalmente chegam. Daniel entra para a cela.

INT. CELA DE DANIEL - TARDE.

O guarda fecha a cela. Daniel está com a face junto às grades. Tem a cabeça para baixo. As suas mãos estão fora das grades. E vamos-nos afastando da sua cela, o que nos permite ver a imensidão da prisão.

INT. TAXI- MANHÃ.

Maria está dentro de um taxi. Está pensativa. Observa com cuidado o mundo exterior. O taxi pára.

TAXISTA
São 10 euros, menina.

MARIA
Desculpe o quê?

TAXISTA
10 euros.

MARIA
Ah ... sim sim. Aqui tem.

Maria entrega o dinheiro ao taxista e vai-se embora.

EXT. RUA - MANHÃ.

Maria atravessa a rua num passo apressado. Entra num edifício repleto de vidros. A sua altura intimida. É dos mais altos desta rua.

INT. ENTRADA DO EDIFÍCIO - MANHÃ.

Maria num passo acelerado tenta chegar ao elevador. Teve sucesso.

INT. ELEVADOR - MANHÃ.

Maria está nervosa. Irrequieta. Está com mais sete pessoas no elevador. Finalmente, chega ao andar pretendido.

INT. ESCRITÓRIO - MANHÃ.

É um escritório muito grande. Vê-se pessoas sossegadas a trabalhar. Sossego esse interrompido por Maria que entra pelo escritório dentro e senta-se na sua secretária. Mal se senta uma MULHER aproxima-se dela.

MULHER

O chefe quer falar contigo.

Maria acena com a cabeça.

INT. GABINETE DO CHEFE - MANHÃ.

Maria acompanha a mulher até um gabinete. Bate à porta. Ouve uma voz que diz para entrar. A mulher abre a porta e Maria entra. Numa secretária completamente organizada, complementada por um computador grande, está Miguel, um homem de barba cinzenta, muito bem arranjado.

MARIA

Queria falar comigo?

MIGUEL

Sente-se.

Maria faz o que foi pedido.

MIGUEL

Queria saber como é que se está a adaptar.

(CONTINUED)

MARIA

Ahm... bem. Ainda estou a conhecer o staff e assim. Mas parecem simpáticos. Na generalidade.

MIGUEL

Posso-te tratar por tu?

MARIA

Claro.

MIGUEL

Sabes, Maria... És um caso de estudo. Não sei como é que alguém com as tuas capacidade de escrita esteve a trabalhar numa revista cor-de-rosa tanto tempo. Parece-me um desperdício das tuas habilidades. É como se Luís Figo fosse contabilista. Nada contra... mas as habilidades dele pro futebol estariam a ser desperdiçadas. Ou sei lá o Salvador Dali ser pisceleiro. Já percebeste a ideia.

MARIA

Obrigada.

MIGUEL

Gostei muito do artigo da semana passada sobre a inovação que a Câmara de Lisboa está a pensar fazer à rede de transportes públicos. Mas tenho algo mais pra ti. Um desafio. Algo que te vai meter à prova. Quero ver como te sais. Não vai ser fácil... Que tal?

MARIA

Seja o que for... estou pronta.

MIGUEL

Ótimo.

INT. ESCRITÓRIO - MANHÃ.

Maria está sentada na sua secretária. Está com um aspeto feliz. Preenchida. Olha para o computador com muita atenção. O cursor pisca e pisca e pisca. Finalmente sente que tem futuro. Olha para o lado e tem várias fotografias com os seus pais, com o seu irmão, uma caneca com um texto que diz "Pior irmã do universo". Mas um item chama a nossa atenção.

(CONTINUED)

Um boneco de ação de Jesus Cristo. Percebemos que é o boneco que pertencia a Paulo, que comprou no primeiro dia que chegaram a Sangreal. Puxa a corda do boneco.

BONECO DE JESUS CRISTO

(alto)

Não-crente, queres o meu sangue, é?
Então pega lá um pontapé! Amén!

Maria dá uma pequena gargalhada. Mas depois, a sua expressão muda. Lembra-se do que se passou. E percebe. Que vai ter que lidar com a morte de Paulo para toda a sua vida. E que as suas ações, por muito bem que tenham causado, provocaram a morte dele. E nunca se vai esquecer disso. Nunca.

EXT. PÁTIO DA PRISÃO - TARDE.

Este pátio está preenchido. Cheio de reclusos. Afinal é a hora de pausa. Daniel está com os olhos fechados. Abre-os. Está com muito mau aspeto. A sua barba está muito desleixada. Tem olheiras debaixo dos olhos. Está muito magro. Respira e caminha um pouco. Vai até a uma mesa onde está Emanuel.

EMANUEL

Ora bom dia, sr.Presidente.

DANIEL

Vai-te foder, pode ser?

EMANUEL

Dormiu bem pelo que vejo.

DANIEL

Ótimo. Adoro.

EMANUEL

Porquê tão maldisposto?

DANIEL

Não sei... Talvez porque tu tentaste-me tramar, reunindo provas incriminatórias para salvares a tua pele e guardaste-as no único sítio onde podiam ser encontradas? Se nao fosses burro, não estávamos aqui.

EMANUEL

Já pedi desculpa milhares de vezes.
O passado, ao passado pertence...
Também estou aqui não estou?

(CONTINUED)

DANIEL

Ainda por cima aqueles burros estão aqui connosco.

Vemos Toni e Jaquim numa mesa a jogar cartas.

EMANUEL

Bem...temos que aceitar os nossos pecados e implorar pelo perdão de Deus.

DANIEL

Andas a ler a Bíblia? A sério?

EMANUEL

Que foi? Ajuda.

DANIEL

E quê agora de repente és crente? Acreditas nessas histórias da carochinha? Por amor de... Nem sei.

EMANUEL

Bem... tecnicamente ninguém sabe.

DANIEL

O quê?

EMANUEL

Ninguém sabe se existe Céu ou Inferno não é?

DANIEL

E?

EMANUEL

Não estou a dizer que acredito mas também não, não, acredito. Nunca se sabe.

Daniel fica com uma cara preocupada.

EMANUEL

E quer dizer... temos que nos precaver, né?

DANIEL

Precaver?

EMANUEL

Sim. A gente vai tar aqui ainda algum tempo né? Você mais do que eu...Eu não quero nada morrer e

(MORE)

(CONTINUED)

EMANUEL (cont'd)
passar a eternidade num Inferno a
ser torturado pelos meus pecados.

DANIEL
O quê?

EMANUEL
Só tou a dizer... Manter as opções
abertas. Mas porquê é que está tao
preocupado? Você não acredita e
não.

DANIEL
Pois não... mas ultimamente tenho
tido uns sonhos estranhos. Sonhos
em que estou num lugar cheio de
labaredas a ser tourturado por
demónios que se riem de mim. A
fazerem-me as coisas mais
horríveis. E é sempre o mesmo
sonho. Todas as noites.

EMANUEL
Bem... nunca se sabe. Quer dizer,
se o Inferno existir de certeza que
temos lugar marcado. Você tem de
certeza. Eu tou a ver se me livro
disso. Rezar uns Avé Marias e Pais
Nossos... e olhe. Não custa tentar.
Mas se não resultar .. ao menos
vamos arder no Inferno juntos!

Daniel leva a mão à cabeça. Naquele breve momento gestiona
tudo. Todas as suas crenças. E fica preocupado.
Aterrorizado. Porque sabe que a sua alma está...condenada.
Provavelmente.

DANIEL
Odeio sítios quentes.

ECRÂ NEGRO

FADE OUT.

FIM.